

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
Departamento de Estudos Românicos

**Maria Filomena Barradas**

Da literatura alimentar ao romance das páginas  
de espelhos - Uma leitura de Livro de Crónicas  
de António Lobo Antunes

Tese submetida ao grau de Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e  
Contemporânea, sob orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Lepecki e  
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FLUL/ Setembro de 2002

Maria Filomena da Silva Barradas

Da literatura alimentar ao romance das páginas  
de espelhos - Uma leitura de Livro de Crónicas  
de António Lobo Antunes

Tese submetida ao grau de Mestre em  
Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea

FLUL/ Setembro de 2002



Aos meus pais e a todos os meus amigos, que me apoiaram e puxaram as orelhas sempre que foi necessário.



## Índice

Introdução .....	7
1. A crónica do <i>Livro de Crónicas</i> .....	9
1.1. De Garrett a Lobo Antunes– algumas coordenadas para compreender a crónica como género literário.....	9
1.2. Das páginas do jornal às páginas do livro.....	20
1.2.1. A cronologia das crónicas.....	20
1.2.2. Efemeridade/ Posteridade .....	25
2. O livro das páginas de espelhos .....	28
2.1. O programa literário de Lobo Antunes .....	28
2.2. Espelho meu, espelho teu.....	34
3. Os espelhos mágicos.....	39
3.1. O homem por detrás do espelho.....	39
3.2. O nosso rosto no espelho .....	53
Conclusão .....	65
Bibliografia.....	67

## Introdução

Porquê escrever uma dissertação de mestrado sobre a produção cronística de António Lobo Antunes?

Os seus romances agradavam-me porque me obrigavam a descobrir outra língua em que tudo se harmonizava caoticamente; mas foi o contacto com as “prosinhas” que fez a diferença. Quinzenalmente, fielmente comecei a seguir o rasto das crónicas na *Pública*. Como era possível que aquele autor, que tinha habituado o leitor aos delírios excessivos dos romances, fosse capaz de uma depuração e de uma simplicidade co-moventes, em que o sugerido tinha mais força que o dito? Ignorar esses textos era impossível.

A reunião dos textos em volume veio permitir o acesso a quase todas as crónicas produzidas em colaboração com o PÚBLICO, e contrariar o esquecimento a que estariam votadas se não fossem ressuscitadas do espaço do jornal.

Ao escolher *Livro de Crónicas* para trabalhar na minha dissertação de mestrado, fi-lo com o intuito de contrariar a ideia de que as crónicas são textos apenas valorizados por leitores preguiçosos. É certo que são curtas, é certo que foram escritas para distrair; mas também é certo que a sua mundividência anda muito próxima daquela que estamos habituados a encontrar nos romances do autor e que na sua capacidade de conformação de distintos temas, encontramos pistas para a decifração do fazer literário de António Lobo Antunes.

Ao tentar definir as coordenadas para a compreensão da crónica como género literário, o meu trabalho tenta desfazer a ideia de que se trata de um género literário menor. Foi nas crónicas que Lobo Antunes encontrou a possibilidade de expressar os princípios que orientam o seu labor literário. Como escritor, o seu desejo máximo é escrever uma obra de tal forma perfeita que seja capaz de abarcar a totalidade— o romance das páginas de espelhos. Os seus romances parecem sujeitos a esta dinâmica, pois exibem um discurso fragmentado, que é preciso reconstruir, e de que vão emergindo imagens complexas e esfaceladas da realidade, de acordo com o ponto de vista adoptado.

Ora, aquilo que procurarei aqui é demonstrar a validade deste princípio em *Livro de Crónicas*, que reunindo textos curtos e autónomos, nos dá uma via de acesso a imagens múltiplas e deformadas, quer do próprio autor, quer de diferentes EUS a quem ele empresta a voz, exigindo-se do leitor o esforço de se reconhecer nessas figuras e de admitir a possibilidade de agir na sua realidade, de forma a corrigir aquilo que o texto diagnostica como deficiência desumanizante.



## 1. A crónica do *Livro de Crónicas*

### 1.1. De Garrett a Lobo Antunes– algumas coordenadas para compreender a crónica como género literário

Na abertura de *Viagens na Minha Terra*, afirma o autor: “Vou nada menos do que a Santarém: e protesto de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica”<sup>1</sup>.

O ideário romântico tinha conferido especial importância às questões do nacional e do histórico; pela Europa crescia o interesse pelos acontecimentos que tinham moldado a face das nações, pelos documentos que testemunhavam essas mudanças e pelas tradições seculares das populações, que eram os sinais vivos dos tempos passados.

Sabendo que **crónica** deriva do grego *chronos* (“tempo”) e que é etimologicamente “escrita do tempo”, seria fácil ceder à tentação de pensar que Garrett ao empregar o termo “crónica” desejava oferecer-nos um relato de conteúdo histórico, decalque da narrativa medieval homónima. É certo que as *Viagens* testemunham o tempo de mudança que foi a primeira metade do século XIX, mas o escritor-cronista é contemporâneo dos acontecimentos e, por isso, não nos apresenta uma compilação de relatos anteriores, como faria um cronista medieval, mas, a partir dos eventos que testemunha, em que é participante ou que afectam de algum modo a vida da comunidade, dá-nos um relato em que as impressões colhidas ou as perspectivas pessoais assumem especial relevância. A sua “crónica”, ainda que sendo subsidiária da forma

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Alberto (apresentação crítica, notas e sugestões para análise literária de), *Viagens na Minha Terra de Almeida Garrett*, 4ª ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1991, p. 86

medieval– porque está relacionada com a observação dos eventos que modificaram ou moldaram a história da nação–, acaba por escapar à noção de relato histórico: o escritor torna-se um espectador reflexivo do mundo e para o seu texto convoca elementos múltiplos, aparentemente desgarrados, com que constrói um discurso que visa despertar a consciência crítica do leitor, tornando-o também num agente de reflexividade sobre o momento histórico que um e outro partilham.

Em 1867, Eça de Queirós, nas páginas do *Distrito d' Évora* apresentava a sua definição de crónica:

A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, dos enfeites, fala em tudo, baixinho, como se faz ao serão, ao braseiro, ou ainda de Verão, no campo, quando o ar está triste.<sup>2</sup>

Se Garrett inaugurava já a atitude de cronista espectador--crítico do seu tempo, Eça, chamando a atenção para a multiplicidade de temas de que se enamora a crónica, define o jornal como seu meio de difusão e, como seu propósito, a procura de intimidade com o leitor.

O texto cronístico, tal como o entendemos hoje, tem a sua génese no jornal; será, por isso, impossível pensar as suas peculiaridades sem pensar no modo como a sua natureza periodística o molda.

A crónica só pode nascer quando a imprensa periódica floresce e se afirma como meio de difusão de ideias e de opiniões. A secção de que

---

<sup>2</sup> Citado por Annabela Rita, *Eça de Queirós Cronista– do “Distrito de Évora”(1867) às “Farpas” (1871-72)*, p. 37

emergirá este género literário é chamada primitivamente de “folhetim”, adaptação da forma francesa *feuilleton*; destinada a ser uma secção ligeira, que se ocupa de assuntos mundanos, nela coexistem materiais muito diversos, incluindo não só aquilo que hoje entendemos por crónica, como também contos, poemas, romances e novelas.

Ao passo que o folhetim fica associado à publicação de formas tipicamente literárias<sup>3</sup>, a crónica alia-se aos géneros de feição jornalística, ocupando-se em comentar os acontecimentos pertinentes no seio de uma comunidade, buscando “captar essa coisa inefável a que chamamos ‘espírito do tempo’ (...)”<sup>4</sup>.

Tal como acontece com a notícia, a reportagem ou a entrevista, aquilo que parece motivar a crónica é a ligação ao quotidiano e ao acontecimento historicamente localizável. Porém, o seu objectivo não é informar no sentido mais usual do termo. Quem a escreve não age como um jornalista que, distanciadamente, relata ou divulga um acontecimento, mas como um narrador-observador que, dando a conhecer um evento, exprime os seus pontos de vista e deseja, pela manipulação dos afectos, ganhar a adesão do leitor, despertando o seu raciocínio e o seu juízo crítico. O leitor não a procura para se informar acerca do que se passa em seu redor ou para seguir as peripécias relativas a um herói ou uma heroína, mas antes para aceder à perspectiva de um observador acerca daquilo que marca a comunidade em que um e outro se integram.

---

<sup>3</sup> A título de exemplo, *O Mistério da Estrada de Sintra* e *Uma Família Inglesa* foram publicados em folhetim, respectivamente, no *Diário de Notícias* (1870) e no *Jornal do Porto* (1867).

<sup>4</sup> PEDROSA, Inês, “O esplendor do Portugal dos Pequeninos”, *Expresso-Cartaz*, 22/05/99

A mais de um século de distância, a obra de António Lobo Antunes assume-se como continuadora desta atitude de atenção crítica aos momentos que marcaram ou marcam a vida nacional. Se nos romances a História surge como pano de fundo para a narrativa, nas crónicas será sobretudo o quotidiano anónimo que serve de enquadramento aos relatos. Quer num caso, quer noutro, aquilo com que ficamos é com um testemunho da “agitada, contraditória e por vezes tragicómica vida portuguesa”<sup>5</sup>.

Lobo Antunes considera que as crónicas têm sido valorizadas por “leitores preguiçosos”<sup>6</sup> e que são “uma coisa menor e lateral na [sua] vida”<sup>7</sup>. Embora a sua estreia como cronista tenha ocorrido ainda durante a década de 80, nas páginas d’ O JORNAL, será só a partir de 1993, com a colaboração com o PÚBLICO, porque “precisav[a] do dinheiro”<sup>8</sup>, que essa face da sua carreira literária ganha expressividade.

Ao contrário do que aconteceu com Eça de Queirós que necessitava de esclarecer o seu leitor quanto à nova forma literária surgida nas páginas do *Distrito d’ Évora*, Lobo Antunes, escrevendo num tempo em que o jornal é um meio de comunicação a que todos têm acesso, com regras de funcionamento bem definidas e interiorizadas, só muito tardiamente publica textos auto-reflexivos sobre a forma literária que produz especificamente para o periódico:

Que me lembre, este é o quinto ano que gatafunho prosinhas no PÚBLICO (...). Conversas que alinhavo à pressa dado pagarem-me por elas, alimentares e de circunstância portanto, para serem lidas no domingo por quem tiver paciência para as ler e esquecidas logo

---

<sup>5</sup> REIS, Carlos, “A arte da crónica”, *JL*, nº 742, 10/03/99

<sup>6</sup> SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes– Mais perto de Deus”, *JL*, nº 757, 6/10/99

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*

<sup>8</sup> SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes– Mais perto de Deus”, *JL*, nº 757, 6/10/99

depois. Pela minha parte esqueço-as assim que lhes coloco o ponto final: a minha vida joga-se nos romances, por eles me julgo e serei julgado— e tudo mais vem a seguir e nenhuma importância tem.<sup>9</sup>

Ainda que o léxico usado nesta passagem contribua para a construção de uma imagem negativa da crónica, que não é mais do que “prosinha”, que o autor “gatafunh[a]” ao invés de escrever, que “alinhav[a] à pressa”, em contraste com o trabalho lento e burilado do romance, que “exige que se passe todo o tempo com ele, sobretudo para corrigir que demora mais do que escrever”<sup>10</sup>, António Lobo Antunes revela-se consciente dos mecanismos que regem esta forma literária, enfatizando as características que decorrem da ligação que o género estabelece com o quotidiano, não só no que concerne à escolha dos motivos que preferencialmente constituirão a sua matéria discursiva mas, sobretudo, no que se refere ao facto de o circuito de vida da crónica estar dominado por uma relação económica, ocupando o texto o lugar central nessa cadeia de trocas— produzida pelo autor que é pago para a escrever, a crónica encontra no jornal um intermediário para chegar ao leitor que, para a consumir, terá de comprar a edição de domingo do diário. Assim, a dependência pecuniária do autor em relação ao jornal e a efemeridade que envolve o processo de produção-consumo do texto serão as faces externas da crónica.

Por serem “alimentares e de circunstância” se ligam as crónicas ao quotidiano de quem as escreve, que mais não é do que um indivíduo com

---

<sup>9</sup> “Conselho de Amigo”, *P* 36

<sup>10</sup> SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes— *Génese* de um romance”, *JL*, nº 783, 4 de Outubro de 2000. A este propósito veja-se também a crónica «Emília e uma noites» (*PM*, 267; 10/9/95; *LC*, pp. 183-185): “(...) eu que faço tudo devagar, principalmente desenhar palavras (...)”.

compromissos diários idênticos a todos os outros indivíduos e que encontra no periódico um meio de sustento.

O jornal tira proveito ao poder contar nas suas páginas com a colaboração de um autor reconhecido pela crítica e pelo público— daí lhe advirá prestígio e, porventura, um aumento do volume de vendas, pois certamente existirão leitores que passarão a comprar o jornal com o intuito de ler a secção produzida por aquele autor; mas entre jornal e escritor há uma relação laboral: aquilo que o escritor produz e por que é pago tem de obedecer a regras no que diz respeito ao cumprimento dos prazos e dos limites espaciais que o texto deverá ocupar. Assim, os romances são abandonados “de quinze em quinze dias para redigir uma página de revista”<sup>11</sup>. Satisfazendo o assumido com o periódico, o cronista não só obtém rendimentos, como também tem ao seu dispor um veículo privilegiado para a divulgação daquilo que escreve.

Mas, o que se escreve está condicionado não só por limites espaciais (uma página) e pelo cumprimento de prazos (a colaboração faz-se quinzenalmente, aos domingos), mas também pelo próprio conteúdo da crónica. Ao ser publicada no suplemento de domingo de um jornal, a crónica não terá como missão informar o leitor, nem moldar a sua opinião. Aquilo a que se propõe a crónica de Lobo Antunes é distrair. Sendo um texto ligeiro, que procura a intimidade com o leitor, as crónicas metaforizam-se em “conversas”<sup>12</sup>, que são de “de circunstância”<sup>13</sup>, o que explica que só delas retire

---

<sup>11</sup> “Última Crónica”, p.341

<sup>12</sup> “Conselho de Amigo”, P 36

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*

proveito “quem tiver paciência”<sup>14</sup>– afinal ninguém mantém uma conversa de circunstância se esta lhe desagradar, pois a sua função é estritamente lúdica.

No texto “Última Crónica”, António Lobo Antunes apresenta uma retrospectiva da sua colaboração com o PÚBLICO, enunciando aquilo que podemos entender como a sua noção de crónica– nela, o ludismo, que é o resultado do que o autor crê serem os gostos dos leitores, assume especial relevância. O autor acredita que

os eventuais leitores de um suplemento de domingo gostariam de um trecho leve, simples, agradável e fácil de escrever– o contrário do que pretend[e] nos livros.<sup>15</sup>

Não é de estranhar a insistência no facto de a crónica sair no suplemento de domingo do PÚBLICO. O domingo é o dia tradicionalmente consagrado ao descanso, pelo que o leitor procura o jornal não apenas com o intuito de se informar, mas também com o intuito de se distrair. Porque é para os “[s]eus leitores que escrev[e]”<sup>16</sup>, porque as crónicas são “conversas” é natural que o leitor desenvolva uma empatia crescente por esses textos, o que o leva a procurar, no jornal, o momento lúdico que é por eles proporcionado. O leitor das crónicas de Lobo Antunes, vivendo num tempo em que o jornal é um meio de comunicação acessível, não precisa ser esclarecido quanto ao que é a crónica enquanto matéria discursiva, pois está habituado a conviver com esta forma e é como se entre ele e o cronista se estabelecesse um acordo tácito. Produtor e consumidor da crónica definem-na em termos dos modos específicos como a produzem e como a ela acedem. Assume-se que ambos

---

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*

<sup>15</sup> “Última Crónica”, *P* 77; *LC*, pp. 341-342

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*

reconhecem a forma específica que é a crónica: um texto que, podendo debruçar-se sobre uma infinidade de temas de forma ligeira ocupa, com periodicidade regular, um espaço restrito e específico<sup>17</sup> numa publicação periódica. Mas a cumplicidade entre autor e leitor manifestar-se-á para além do reconhecimento de meras características externas da crónica.

A consciência de que essa cumplicidade entre cronista e leitor existe está bem patente no texto “Emília e Uma Noites”<sup>18</sup>: Neste texto, o cronista experimenta o espanto da crónica-escrita se ter autonomizado da crónica-pensada. Escapando ao controlo efabulatório do cronista, o texto final não é “como [os leitores] se habituaram a que seja, [nem] como apreciam que seja”<sup>19</sup> porque, a partir do momento em que as memórias de Angola “[l]he vêm] com toda a força ao corpo”<sup>20</sup>, o autor é obrigado a confrontar-se com o facto de que não vai “ter humor nem ser inteligente nem subtil nem terno nem irónico”<sup>21</sup> – as características por que se pauta a escrita das crónicas e que autor e leitor reconhecem.

---

<sup>17</sup> Ainda que frequentemente a secção em que ocorre o texto venha assinalada com o título de “Crónica”, nem sempre isso acontece. A secção pode receber outros títulos ou nem sequer receber título. No que diz respeito ao autor que me ocupa, as suas primeiras crónicas, nas páginas de *O Jornal*, surgem na secção “Sítios com Barcos”; as colunas que escreveu para *O Jornal Ilustrado*, *Grande Reportagem* e *Público Magazine* não receberam nenhum título. A designação “Crónica” só aparece na *Pública* e na *Visão*. Apesar das diferentes designações que a secção pode receber, o que é certo é que ela ocupa, fisicamente, tal como as restantes secções, número após número, o mesmo espaço no jornal, o que facilita o acesso a ela.

<sup>18</sup> LC, pp. 183-185

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*



Ao contrário do romance que “exige um leitor que o saiba ler”<sup>22</sup> e o escritor que o ensine a ler<sup>23</sup>, a crónica despreza esse trabalho, porque é produzida e consumida de forma rápida; porém, ao reconhecer na estratégia discursiva das crónicas o humor, a ternura, a inteligência, a subtileza e a ironia, é o próprio Lobo Antunes que as aproxima do seu restante trabalho literário.

Porque “gost[a] de assistir às pessoas espantado”<sup>24</sup>, Lobo Antunes traz para os seus romances casos anedóticos que presenciou ou que lhe contaram e que são transformados em matéria ficcional<sup>25</sup>. Se isso se passa nos romances, não será de desprezar a hipótese de as crónicas, pela sua conexão com o quotidiano, partilharem a mesma génese e estarem dependentes do mesmo processo de ficcionalização.

Ainda que as crónicas sejam textos curtos, isso não facilita a sua redacção; o autor

---

<sup>22</sup> SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes– Mais perto de Deus”, *JL*, nº 757, 6/10/99

<sup>23</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>24</sup> COELHO, Alexandra Lucas, “António Lobo Antunes depois da publicação de *Exortação aos Crocodilos*– ‘Agora só aprendo comigo’”, *Pública*, nº 192, 30/01/00

<sup>25</sup> Citarei a esse propósito as explicações que são dadas pelo autor para explicar a génese de dois dos seus romances– *Manual dos Inquisidores* e *Exortação aos Crocodilos*. No primeiro caso, é a história contada pelo irmão, João Lobo Antunes, que desperta o romance, “porque, há uns três ou quatro anos, contou-me uma história de um senhor, um grande solteirão, ou viúvo, já não sei, que dizia, em relação às mulheres, «eu faço tudo o que elas querem, mas nunca tiro o chapéu da cabeça». Aquilo ficou-me cá dentro. Essa frase foi a primeira que tive do livro, é uma frase espantosa”. [Cf. VIEGAS, Francisco José, “António Lobo Antunes– ‘Nunca li um livro meu’”, *Ler*, nº 37, Inverno de 1997]. No segundo caso, o que motiva o romance é a história a um funcionário galego da D. Quixote: “Tinha-a ouvido a um galego chamado Xesus Franco que um dia foi trabalhar para a D. Quixote. A avó dele chamava-o e dizia-lhe: vou-te ensinar o segredo da coca-cola. Então misturava gasosa com café com açúcar. Esta história ficou dentro de mim uns meses largos. A pouco e pouco o livro foi-se construindo à volta dela”. [Cf. COELHO, Alexandra Lucas, “António Lobo Antunes, depois da *Exortação aos Crocodilos*: ‘Agora só aprendo comigo’”, *Pública*, nº 192, 30/01/00].

Cheg[ava] a ficar horas diante do papel, à espera da primeira frase, com a sensação de que o dinheiro que [lhe] pagavam não pagava o facto de abandonar um capítulo que [o] exigia inteiro, a trabalhá-lo e a passá-lo.<sup>26</sup>

Aquilo que é convocado para o texto e que Lobo Antunes se ocupa em narrar não é prioritariamente o evento historicamente localizável, mas é antes, como diz Maria Alzira Seixo numa afirmação que, reportando-se a *Exortação aos Crocodilos*, me parece ajustada às crónicas:

(...) a insignificância, (...) o facto anódino, as vozes que ninguém ouve (por surdez ou por inacessibilidade subjectiva), os sonhos que se não manifestam pela própria incapacidade da sua formulação, a maldade que é a expressão do bem inalcançável, o quotidiano inenarrável de uma estupidez irremissível (...)<sup>27</sup>

Se optasse preferencialmente por tratar temas relacionados com o historicamente localizável, a crónica perderia a sua eficácia, pois o seu tempo de vida estaria condicionado pelo tempo em que na memória colectiva subsistisse a memória do evento.

Socorrendo-se do “quotidiano inenarrável” e das suas memórias pessoais, Lobo Antunes dá-nos crónicas que não são o registo de eventos, mas antes o diagnóstico do tempo que ele e o seu leitor vivem. Na maior parte delas, as memórias do autor, (con)fundem-se com as constantes evocações do país real no qual facilmente o leitor se revê; um país marcado pela suburbanidade, pela exclusão, pela angústia, pelo desamor que condena o indivíduo a dramáticas situações de alienação e de solidão.

---

<sup>26</sup> “Última Crónica”, LC, p. 341

<sup>27</sup> SEIXO, Maria Alzira, “As fragilidades do mal– *Exortação aos Crocodilos* de António Lobo Antunes”, in *Outros Erros– Ensaios de Literatura*, Lisboa-Porto, Asa, 2001, p. 342

Ao escolher a insignificância da condição humana como tema preferido, a crónica de Lobo Antunes está a resgatar a dignidade que o quotidiano parece ter perdido. É missão do cronista transformar o facto quotidiano em matéria que exija a reflexão e o pensamento crítico do leitor, o que só é conseguido se o texto se desprender do constrangimento de ser relato do tempo e ganhar a liberdade de ser espelho do tempo, sendo que as próprias dimensões do escrito determinam a potencialização dos sentidos evocados.

Ocupando um terreno de fronteiras fluidas, em que o género é definido em termos de como decorre o circuito de produção-consumo do texto e não a partir das características internas do texto, a crónica de Lobo Antunes espalhar-se-á, roubando as palavras a Eça de Queirós, “pela vida, pela literatura, pela cidade”, reflectindo o modo de se ser e de se sentir Portugal no final de século XX.

## 1.2. Das páginas do jornal às páginas do livro

### 1.2.1. A cronologia das crónicas

Neste trabalho, aquilo que me serviu como *corpus*-base foram as crónicas saídas no jornal PÚBLICO entre 1993 e 1998 e reunidas em volume no *Livro de Crónicas* [LC]. Porém, pareceu-me importante estabelecer algumas coordenadas temporais no que concerne à produção cronística de Lobo Antunes, pois se LC é, actualmente, a sua face mais visível não é a única. Terminada a colaboração de Lobo Antunes com o PÚBLICO, o que é certo é que as crónicas continuaram a sair nas páginas da VISÃO, com uma periodicidade quinzenal. Ao estabelecer como *corpus* de trabalho LC tinha de ter em conta o que estava para trás dele e, eventualmente, o que se lhe seguiu. Por forma a balizar o meu trabalho, direi que sendo LC aquilo que me serviu de base de progressão, apelei também a todos os textos não reunidos em volume, anteriores à colaboração com o PÚBLICO ou que resultaram dessa colaboração.

Não sei se já com preocupações alimentares se não, o facto é que datam de 1984, cinco anos após a publicação de *Memória de Elefante* e de *Os Cus de Judas*, as primeiras colaborações de António Lobo Antunes com a imprensa. A estreia deu-se n' O JORNAL a 27 de Julho de 1984, com uma crónica intitulada "O sétimo irmão".

Entre 1984 e 1991, Lobo Antunes colaborou com O JORNAL<sup>28</sup> (Julho a Novembro de 1984), O JORNAL ILUSTRADO<sup>29</sup> (Abril de 1986) e GRANDE REPORTAGEM<sup>30</sup> (Janeiro de 1991 a Julho de 1992).

O percurso que deu origem a *LC* iniciou-se em 1993 e prolongou-se até ao final de 1997, com a colaboração com o suplemento de domingo do PÚBLICO<sup>31</sup>. Interrompida durante 1998, esta colaboração foi retomada em 1999, tendo cessado nesse mesmo ano. Em Março de 1995 foi publicada a primeira reunião de textos cronísticos, num volume que recebeu o título de *Crónicas [C]*, obra que reuniu parte do material publicado pelo jornal até ao final de 1994 e que entretanto foi retirada do mercado.

Na crónica “Conselho de Amigo” (*P* 36, 26/01/97), António Lobo Antunes dizia o seguinte a respeito das crónicas e da sua reunião em volume:

“Que me lembre, este é o quinto ano que gatafunho prosinhas para o PÚBLICO– tão prosinhas que a sua reunião em volume, precipitada e esgotada, não tornará a editar-se nem outra reunião se fará.”

---

<sup>28</sup> Da colaboração com O JORNAL resultou a publicação dos textos seguintes: “O sétimo irmão” (482, 27/07/84), “Condição marinha” (494, 10/08/84), “Carta ao amigo desconhecido” (498, 7/09/84), “Poluição sob controlo” (500, 21/09/84), “Lili” (502, 4/10/84) e “O banho” (507, 9/11/84).

<sup>29</sup> Em O JORNAL ILUSTRADO só foram publicadas duas crónicas: “Louvor da noite e da amizade de José Cardoso Pires” (582, 18/04/86) e “O camponês de Paris” (583, 24/04/86).

<sup>30</sup> As crónicas editadas em GRANDE REPORTAGEM foram: “Em que se inicia o relato das minhas tremendas proezas” (5, ano II, 2ª série, Jan-Mar de 91), “A minha filha mais velha tirou a carta” (6, ano II, 2ª série, Abr-Jun 91), “Carta para a Joana” (7, ano II, 2ª série, Jul-Set 91), “Um país chamado Pedro Tamen” (8, ano II, 2ª série, Nov 91), “Saudades de Porto” (10, ano III, 2ª série, Jan 92), “Isabel Maria, a Ericeira, o mar, a morte e os meus pais” (11, ano III, 2ª série, Fev. 92), “O camponês de Paris” (12, ano III, 2ª série, Mar. 92), “Os cavalos e eu” (15, ano III, 2ª série, Jul. 92).

“O camponês de Paris” corresponde ao texto publicado com o mesmo título no JORNAL ILUSTRADO.

<sup>31</sup> Até 19 Maio de 1995 foi chamado *Público Magazine [PM]*; a partir dessa data assumiu a designação que actualmente lhe conhecemos: *Pública [P]*.

Porém, se de facto *C* não foi alvo de uma reedição, a recolha em volume das crónicas voltou a fazer-se em 1998 com *Livro de Crónicas*. Várias são as diferenças entre um e outro volume. Quer *C*, quer *LC* reúnem textos saídos no *PM* (no primeiro caso) e no *PM* e *P* (no segundo caso). Tendo sido editado posteriormente a *C*, *LC* não se limita apenas a ser a sua refundição ampliada, pois existem mais diferenças para além do número de crónicas reunidas num e noutro volume. As diferenças que aponto abaixo funcionam como constatações, como linhas que orientaram a minha investigação inicial; não têm qualquer carácter de crítica textual, não são propostas de solução para os casos em que se verificou existirem textos que sofreram alterações, nem procuram explicar ou aduzir razões para a inclusão ou exclusão de textos em *LC*, visto que se trataram das opções pessoais do autor.

- Nem *C*, nem *LC* incluem crónicas não publicadas pelo PÚBLICO.
- Nem em *C*, nem em *LC* os textos aparecem de acordo com a ordem cronológica de publicação.
- A organização das crónicas é distinta de *C* e em *LC*.
- *LC*, ainda que recolha quase todos os textos presentes em *C*, não inclui a crónica “As papoilas saltitantes”<sup>32</sup>.
- *LC* recupera textos que não estão presentes em *C*, ainda que a data de publicação corresponda aos seus limites: “A velhice”<sup>33</sup>, “O coração do

---

<sup>32</sup> *PM* 184; *C*, pp. 127-129

<sup>33</sup> *PM* 178; *LC*, pp. 39-40

coração”<sup>34</sup>, “A existência de Deus”<sup>35</sup>, “Uma coisa assim”, “O amor dos animais”<sup>36</sup>, “O grande e horrível crime”<sup>37</sup> e “Onde o artista se despede do respeitável público”<sup>38</sup>.

- Existem crónicas que tendo saído no jornal antes da publicação de *C*, não surgem nem aí, nem em *LC*: “Tocata para dois clarins”<sup>39</sup> e “Esta que se acina Gabriela”<sup>40</sup>. Não deixa de ser curioso que “Tocata para dois clarins” não seja incluída nem em *C*, nem em *LC* – é a primeira crónica escrita para o *PM* por Lobo Antunes e tem a particularidade de ser uma crítica à obra homónima de Mário Cláudio. Quanto a “Esta que se acina Gabriela” considero-o um belíssimo exemplo da capacidade de ficcionalização do autor. Mimetizando uma carta, o autor cria uma personagem suburbana, cuja caracterização passa pela imitação das dificuldades de escrita de quem não domina a norma de uma língua. O efeito é de humor.
- *LC* não reúne todas as crónicas saídas no PÚBLICO até 1998. Para além dos casos supra-referidos, não estão presentes os seguintes textos: “Quero ser filho da puta”<sup>41</sup>, “Crónica do menino ruivo e dos cavalos de plástico”<sup>42</sup>, “E tudo o vento levou”<sup>43</sup>, “Big Show Sic”<sup>44</sup>, “Como expliquei à minha filha o

---

<sup>34</sup> *PM* 182; *LC*, pp. 45-47

<sup>35</sup> *PM* 191; *LC*, pp. 85-88

<sup>36</sup> *PM* 240; *LC*, pp. 173-175

<sup>37</sup> *PM* 245; *LC*, pp. 123-125

<sup>38</sup> *PM* 248, com o título “Onde o artista se despede dos preciosos ridículos”; *LC*, pp. 131-132

<sup>39</sup> *PM* 148

<sup>40</sup> *PM* 241

<sup>41</sup> *PM* 289

<sup>42</sup> *PM* 299

<sup>43</sup> *P* 12

sinistro caso do Dantas”<sup>45</sup>, “Conselho de amigo”<sup>46</sup>, “O Algarve”<sup>47</sup> e “Américo, o Homem-Bomba”<sup>48</sup>.

- Na passagem das páginas do jornal para as páginas do livro, alguns textos viram os seus títulos sofrerem alterações. Isso aconteceu nas seguintes crónicas: “A minha modesta existência”<sup>49</sup> e “Onde o artista se despede dos preciosos ridículos”<sup>50</sup>, que foram editadas, respectivamente, com os títulos “Ma petite existence”<sup>51</sup> e “Onde o artista se despede do respeitável público”<sup>52</sup>. No primeiro caso a mudança verificou-se logo em *C*; no segundo caso tal só aconteceu em *LC*, o que se justifica pelo facto de esta ser uma das crónicas que foi recuperada em 1998, não tendo sido incluída na versão de 1995.
- A crónica “Dormir acompanhados”<sup>53</sup> manteve o seu título em *C*, mas viu-o alterado para “Dormir acompanhado” em *LC*.
- O texto “No fundo do sofrimento uma janela”<sup>54</sup> viu o título alterar-se para “No fundo do sofrimento uma janela aberta”.

---

<sup>44</sup> *P* 15

<sup>45</sup> *P* 21

<sup>46</sup> *P* 36

<sup>47</sup> *P* 54

<sup>48</sup> *P* 60

<sup>49</sup> *PM* 199

<sup>50</sup> *PM* 248

<sup>51</sup> *C*, pp. 27-29; *LC*, pp.61-63

<sup>52</sup> *LC*, pp. 131-132

<sup>53</sup> *PM* 222; *C*, pp.83-85; *LC*, pp. 161-163

<sup>54</sup> *PM* 305; *LC*, pp.283-285



- Aqueles a quem são dedicados os volumes são também figuras distintas. Em *C*, as crónicas são dedicadas a José Cardoso Pires (amigo de Lobo Antunes e colaborador também do PÚBLICO) e a Vicente Jorge Silva, director do diário, “sem cuja afectuosa insistência estas crónicas não teriam sido escritas”. Já *LC* evoca o avô paterno do autor: “À memória do meu avô António Lobo Antunes (1889-1960) de quem tenho tantas saudades”.

### 1.2.2. Efemeridade/ Posteridade

Mas o que motivou a reunião em volume das “prosinhas”, quando o seu autor as considera um género menor face ao romance? A explicação parece ser dada pelo grau de sucesso que as crónicas obtiveram junto dos leitores, como testemunha “Última Crónica”:

As crónicas, tão despretenciosas, foram no entanto uma imensa surpresa para mim. Recebi centenas de cartas de leitores, a maior parte entusiásticas e amigas, algumas de desacordo e de censura, outras ainda agressivas e violentas. Os que me censuram tinham decerto razão— e estou-lhes tão reconhecido quanto àqueles que me deram estímulo e amizade. É para os meus leitores que escrevo (...) <sup>55</sup>

Porque o género “alimentar” parece agradar superiormente aos leitores, antologizar esses textos será ir ao encontro de um gosto manifestado pelo público, mas que não corresponde ao gosto do autor, como mostram as

---

<sup>55</sup> “Última Crónica”, *P* 77; *LC*, pp. 341-342

palavras do próprio a propósito da edição de *C*, na crónica “Conselho de Amigo”:

Que me lembre, este é o quinto ano que gatafunho prosinhas no PÚBLICO— tão prosinhas que a sua reunião em livro, precipitada e esgotada, não tornará a editar-se nem outra reunião se fará.<sup>56</sup>

Apesar da intenção de Lobo Antunes de não haver uma nova recolha das crónicas, pouco tempo depois saía do prelo *Livro de Crónicas*.

Como já foi dito, as crónicas presentes em *LC* não só não correspondem à totalidade de crónicas editadas em *PM* e em *P*, como também alguns desses textos sofreram alterações na passagem das páginas do suplemento para as páginas do livro. Não tentarei averiguar as razões que levaram Lobo Antunes a preferir ou a preterir textos ou os motivos que o orientaram nas modificações introduzidas. Mas, parece-me útil voltar a sublinhar que a crónica tem, na sua génese, um forte vínculo ao quotidiano— é um texto produzido especificamente para um periódico, por um indivíduo que é pago para a escrever; é lida (descontraidamente) ao domingo por alguém que compra o jornal e, como matéria discursiva opta também por tratar temas do quotidiano. Para Lobo Antunes, a crónica e as circunstâncias que a envolvem condenam-na a uma existência muito curta e precária, opondo-a ao romance que aspira à durabilidade e à permanência por configurar problemas de amplitude universal.

Se a antologização das crónicas obedeceu a motivos editoriais— havia o desejo de suprir uma necessidade manifestada pelos leitores—, ela resultou também do reconhecimento de que esses textos tinham a capacidade de

---

<sup>56</sup> “Conselho de Amigo”, *P* 36

transcender o circunstancial, pois o evocado encerrava potencialidades de universalização equiparáveis às potencialidades encerradas pelo romance. A propósito da reunião em volume das crónicas de Lobo Antunes, Carlos Reis sugere que, porque pendem para o registo ficcional e porque ultrapassam o mero relato factual, as crónicas podem ser lidas como contos<sup>57</sup>. Do meu ponto de vista, porém, uma definição do género cronístico tem de ter em conta o contexto específico em que é produzido o texto. O registo ficcional é, creio eu, intrínseco à natureza da crónica – ficcionalizando o quotidiano, ela resgata-o ao efémero; elevando-o ao estatuto da literatura, ela projecta-o na eternidade.

Reunir as crónicas em livro é não só garantir que esses textos não sejam esquecidos e que possam ser sempre revisitados, como também é abrir a possibilidade a que eles se configurem como exemplo daquilo que é o desejo máximo de António Lobo Antunes como escritor: a criação de um livro de tal forma completo que as páginas reflectam a complexidade das relações que os indivíduos estabelecem com o mundo.

Retomo as palavras de Eça de Queirós: contando “mil coisas”, fluindo “livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade”, a crónica– e neste caso específico, a crónica de Lobo Antunes– porque desde a sua génese esteve ligada ao prosaico, ao mesquinho, ao quotidiano, dele se conseguiu autonomizar porque, aos olhos do cronista e do leitor, se apresenta como o espelho onde se podem ver reflectidos.

---

<sup>57</sup> REIS, Carlos, “A arte da crónica”, *JL*, nº 742, 10/03/99

## 2. O livro das páginas de espelhos

### 2.1. O programa literário de Lobo Antunes

Ao contrário daquilo que se passou nos primeiros romances, em que havia uma constante reflexão em torno da experiência nova do psiquiatra tornado escritor<sup>58</sup>, nos romances mais recentes, porque a voz do escritor-psiquiatra-narrador-personagem deu lugar a outras vozes para fazer “do livro uma peça sinfónica”<sup>59</sup>, essa reflexão tem tido lugar sobretudo nas entrevistas que o autor tem dado aos jornais. Porém, será a crónica, pela sua brevidade, concisão e fluidez temática, o lugar onde, privilegiadamente, Lobo Antunes procederá ao questionamento, à reflexão e ao esclarecimento daquilo que é a sua arte literária. Nas crónicas relacionadas com o fenómeno literário, o autor relembra como começou a escrever, debruça-se sobre o modo como os leitores aceitam o que escreve, reflecte sobre as relações (conflituosas) que existem entre a crítica e a literatura, é ele mesmo o crítico literário e enuncia os princípios que presidem ao seu labor literário<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Disso são exemplo as seguintes passagens extraídas de *Memória de Elefante*:

“O amigo roçou a barba loira no ombro do médico: (...)

– Tens escrito?, interrogou.

De mês a mês defechava de súbito esta pergunta aterradora, porque para o psiquiatra o manuseio das palavras constituía uma espécie de vergonha secreta, obsessão eternamente adiada.” (p. 67)

“– Estava cá a magicar que escrever é um bocado fazer a respiração artificial do dicionário de Moraes, à gramática da 4ª classe e aos restantes jazigos de palavras defuntas, e eu ora cheio ora vazio de oxigénio, aparvalhado de dúvidas.” (p. 71)

<sup>59</sup> SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes– Mais perto de Deus”, *JL*, nº 757, 6/10/99

<sup>60</sup> “A Feira do Livro” exemplifica a relação que o autor entabula com o seu público; “Os sonetos a Cristo” explicam que foram necessidades materiais que impeliram o jovem António Lobo Antunes, aos treze anos, a compor poemas sobre a vida de Jesus, que eram recompensados

Nessa medida, “O coração do coração”<sup>61</sup> é uma crónica que poderá ser vista como uma verdadeira arte poética, pois nela Lobo Antunes desvenda as linhas fundamentais daquilo que concebe como o seu fazer literário, abrindo perspectivas para compreender tanto da arquitectura dos seus romances, quanto da arquitectura subjacente à reunião das crónicas em volume.

O romance que gostava de escrever era o livro no qual, tal como no último estágio de sabedoria dos chineses, todas as páginas fossem espelhos e o leitor visse, não apenas ele próprio e o presente em que mora mas também o futuro e o passado, sonhos, catástrofes, desejos, recordações. Uma história em que eu, folheando-a no intuito de a corrigir, armado de um lápis vermelho destinado a uma carnificina de emendas, encontrasse de súbito, a acenar-me alegremente sentado num parágrafo como no muro da quinta do meu avô, o filho do caseiro (...)

Como as páginas são espelhos se me aproximasse mais do livro toparia atrás dos meus avós, de Sandokan, de Flash Gordon, da rapariga do presépio, da minha mãe de mão em concha na orelha e do adolescente que deixei de ser, afogueado de timidez e borbulhas, um homem aflito a penar o seu romance palavra a palavra até o entregar ao editor que do outro lado da secretária o recebe como um dignitário eclesiástico aceita com benevolência pastoral a oferta de um crente. Deposito-lhe reverentemente um maço de folhas no tampo da mesa, ele abençoa-me com o báculo de uma caneta de prata e ao alcançar a rua dou-me conta de que perdido o romance perdi uma parte essencial da minha identidade de modo que em casa principio de imediato a preparar os blocos para a história seguinte na pressa de me reflectir de novo no papel (...)<sup>62</sup>

A viagem que Lobo Antunes nos (e se) propõe é de certo modo semelhante àquela que Alice empreende quando atravessa o espelho. Aparentemente, o que está no espelho é em tudo semelhante ao que está na sala nele reflectida, “only the things go the other way”<sup>63</sup>. No momento em que Alice chega ao outro lado do espelho constata que “what could be seen from

---

pela avó; “Tocata para Dois Clarins” é uma crítica literária à obra homónima de Mário Cláudio; “Onde o Artista Se Despede do Respeitável Público” é uma reflexão em torno da instituição literária.

<sup>61</sup> LC, pp. 45-47

<sup>62</sup> “O coração do coração”, PM 182, 29/08/93; LC, pp. 45-47

<sup>63</sup> CARROL, Lewis, *Through the Looking Glass*, London, Penguin Books, 1994, p. 19

the old room was quite common and uninteresting, but that all the rest was as different as possible.”<sup>64</sup>

Após ter atravessado o espelho, a heroína de Carrol verifica que existe uma certa consonância entre os objectos da sala que deixou para trás (a sala verdadeira) e os objectos reflectidos; porém, em tudo o resto, o espelho é diferente.

Em termos da Física, o reflexo é o desvio ou o retrocesso dos raios luminosos provocado por uma superfície que lhes trava a progressão e os transforma em imagem. Qualquer superfície que pelas suas propriedades seja capaz de receber os raios luminosos, transformando-os em imagem será entendida como espelho. Ainda que sejamos tentados a identificar o reflexo com o reflectido, somos obrigados a reconhecer que se tratam de duas realidades que, complementando-se, são distintas— o espelho é a superfície que aprisiona a imagem do objecto, mas que não se confunde com ele. Se pensarmos no nosso corpo, verificamos que percebemos o corpo e o seu reflexo de forma distinta— ao mesmo tempo que o reflexo inverte os lados do corpo (o braço direito fica à esquerda no reflexo, por exemplo), falta-lhe a densidade, a espessura e a profundidade que caracterizam o reflectido.

Existem, porém, modos de ampliar o reflexo, criando a ilusão de que ele tem a densidade, a espessura e a profundidade do objecto. Em termos ópticos, tal é conseguido pela existência de diferentes tipos de superfícies espelhadas (côncavas, convexas ou simultaneamente côncavas e convexas) que se poderão conjugar com prismas e cones de vidro, que criam novas perspectivas

---

<sup>64</sup> Idem, p. 22

do objecto, o distorcem ou que permitem distinguir uma imagem onde antes havia apenas linhas confusas. Quanto mais apurado for este jogo, mais complexo e mais desafiador ele se tornará, visto que será exigido mais a quem observa, pois é mais difícil distinguir o objecto das suas projecções.

A metáfora do “livro das páginas de espelhos” deseja dar conta de um *modus faciendi* literário que valoriza o ludismo. Esse livro será como entrar dentro de uma casa cujas paredes estejam cobertas por diferentes tipos de espelhos, que se combinam para dar imagens mais ou menos deformadas dos objectos. O propósito é brincar com as infinitas possibilidades de reflexos para um objecto, cabendo àquele que entra na casa (ou que lê o livro) decidir qual a perspectiva que mais lhe convém e recusar ou procurar corrigir os reflexos que considera deformados, construindo-se por esse processo de selecção e correcção o caminho de acesso à sabedoria.

Mas um livro é, por definição, discurso. Como o livro das páginas de espelhos é “o romance que [Lobo Antunes] gostava de escrever”, tudo o que seja passível de se reflectir nessas páginas terá de passar por um trabalho de codificação linguística. É porque estão sujeitos a esta dinâmica do espelhamento que os romances do autor parecem tão desorganizados. Aquilo que o autor faz é convocar continuamente memórias, fragmentos, fantasmagorias que dificultam ao leitor a construção de quadros de referência pela constante mudança dos horizontes, chamando a atenção para a própria complexidade do real. O livro das páginas de espelhos confronta-nos como o facto de que— a ser possível— representar a totalidade, tal ter de passar por

uma forma de contar que dê conta dos múltiplos fragmentos que compõem essa totalidade.

A metáfora do espelho, recorrente na escrita de Lobo Antunes, ilustra as ligações complexas que o indivíduo estabelece com o mundo, problematizando a própria dificuldade de apreensão da realidade e da sua codificação na escrita. O discurso estilhaçado dos romances decorre de um modo de contar que procede a sucessivos avanços e recuos, a deslizos de sentido, a evocações constantes que atiram para segundo plano aquilo que deveria ocupar centralmente a narrativa. O romance, formando e deformando as imagens, pede ao leitor capacidade máxima de decifração, pelo confronto com uma narrativa elástica, densa, que repudia a linearidade, porque quem tem a contar tem consciência de quão difícil é exprimir a complexidade do mundo e reconhece que essa complexidade é consubstancial à condição humana, ou seja, depende em larga medida do *input* pessoal e íntimo que transferimos para aquilo que nos cerca.

Na sua ânsia de criar um livro perfeito e total, o escritor deseja co-mover o leitor, ou seja, fazer com que o leitor adira totalmente ao contado, pois um bom livro é “um livro que eu tenho a sensação de que foi escrito só para mim, de que os outros exemplares dizem outras coisas”<sup>65</sup>. Desejar escrever um livro no qual o leitor se veja “a [si] próprio e o presente em que mora mas também o futuro e o passado” é reconhecer a importância que tem aquele a quem se destina o escrito e de quem não se espera uma atitude passiva. Se quem escreve tem de ser capaz de tornar o livro espelho, quem lê deve tornar

---

<sup>65</sup> COELHO, Alexandra Lucas, “António Lobo Antunes depois da publicação de *Exortação aos Crocodilos*– “Agora só aprendo comigo””, *Pública*, nº 192, 30/01/00



esse reflexo ainda mais fértil, ou seja, pede-se-lhe uma fruição empenhada— o leitor recebe as imagens retidas nas páginas e aproveita-as para projectar aí os seus “sonhos, catástrofes, desejos, recordações”, afinal aquilo que é o combustível da imaginação<sup>66</sup>. Porque desperta a imaginação do leitor, o escritor consegue manipular os seus afectos, sendo que uma das soluções mais bem conseguidas nesse aspecto tem a ver com a adopção, quer nos romances, quer nas crónicas, de um discurso que usa quase exclusivamente a primeira pessoa verbal.

O homem aflito a penar o seu romance palavra a palavra, detentor daquilo a (in)screver nas páginas, está fora do texto; é distinto daquele que o intui e que “se [se] aproximasse mais (...) [o] toparia”. Sabemos que quer o EU que se exprime em “O coração do coração”, quer o homem aflito podem ser colados à figura civil de Lobo Antunes, mas aquilo que desejo enfatizar é o facto de o escritor ter consciência que escrever é codificar, ou seja, a figura civil que escreve, a partir do momento em que se (trasn)screve para o papel prescinde da sua identidade e transforma-se, com o auxílio das memórias pessoais, em reflexo.

A busca da identidade é o motor da escrita e continuar a produzir romances é o modo que o escritor encontra para “[se] reflectir de novo no papel”, pois, a partir do momento em que o livro entra no circuito comercial, o

---

<sup>66</sup> A este propósito atente-se nas palavras de Lobo Antunes numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias* (10/12/97): “(...)Porém, onde termina a memória e começa a imaginação? A nossa capacidade de imaginar coincide com as nossas memórias. Sem memória não há fantasia. Quem perde a memória também não é capaz de criar fantasia. A fantasia é a forma de expressarmos a vida e as experiências.”

autor “perd[e] uma parte essencial da sua identidade”, visto que o romance deixa de ser o seu espelho para passar a ser o espelho dos leitores.

Se as páginas são espelhos é possível que o autor se metamorfoseie em distintos EUS, uns mais próximos da figura civil, outros mais distantes, para os quais é possível definir diferentes quadros sociais, afectivos, culturais, profissionais ou actanciais, mas que conservarão algo desse que os instituiu como reflexo simultaneamente pessoal e alheio. É graças a essa capacidade de ser Outros que o autor consegue que as páginas-espelhos, a partir do momento em que o escrito deixa de ser um mero “maço de folhas” e passa a ser um “romance” editado, comprado e lido, não seja um relato biográfico e seja, efectivamente, uma superfície discursiva apta a absorver as projecções dos leitores a que se dirige.

Não é aleatório que a crónica que ilumina o fazer literário de Lobo Antunes se intitule “O coração do coração”— nela se explica o que de mais íntimo faz pulsar a escrita dos romances. E não será essa explicação extensível às crónicas?

## **2.2. Espelho meu, espelho teu**

“O coração do coração” foi escrito a pensar nos romances, que Lobo Antunes considera ser o seu verdadeiro trabalho. Porém, creio que os princípios aí enunciados e que tentei explicitar acima, podem ajustar-se perfeitamente às crónicas e, sobretudo, à reunião das crónicas em volume.

Não será por acaso que a reunião destes textos recebeu o título de *Livro de Crónicas*: de facto, ao introduzir-se a palavra “livro” no título (o que não aconteceu na antologia de 1995 intitulada *Crónicas*) é como se se reconhecesse que nestes textos há um potencial que as resgata do destino efémero a que estavam condenadas nas páginas de um jornal. Porém, a ligação ao quotidiano não se dilui— é um “livro”, mas um livro especial, visto que os textos que contém são “crónicas”, isto é, textos lcurtos, ligados ao domínio temporal, que abordam vários temas e que foram criados especificamente para o periódico.

Se os romances são construídos sob a égide do reflexo, possibilitando que quem os escreve ou quem os lê se reflecta nessas páginas, as crónicas acabam por estar sujeitas ao mesmo princípio e, se na sua existência enquanto texto do e no jornal parecem evitar esse destino, a partir do momento em que são levadas para dentro do livro é como se essa natureza fosse potenciada, o que determina que, roubando as palavras a Inês Pedrosa, as crónicas “comp[onham] (...) o mais poderoso e belo dos romances de António Lobo Antunes”<sup>67</sup>. De facto, o imaginário das crónicas não anda longe do que é evocado pelos romances: o mesmo desencanto, a mesma solidão, os mesmos cenários, os mesmos modos de agir, por vezes as mesmas personagens<sup>68</sup> aproximam o espaço do romance e da crónica, de tal forma que por vezes se fica com a sensação de que estes textos poderiam constituir o núcleo de um romance.

---

<sup>67</sup> PEDROSA, Inês, “O esplendor do Portugal dos Pequeninos”, *Expresso-Cartaz*, 22/05/99

<sup>68</sup> A título de exemplo, a figura do filho do caseiro que é evocada em “O coração do coração” é um dos protagonistas de *Tratado das Paixões da Alma*.

Porém, a crónica exige condensação e concentração discursiva. As digressões que são possibilitadas pelo romance não podem ter nela lugar. Então, em que medida, afirmo que o princípio do livro das páginas de espelhos é válido também para as crónicas?

Na minha perspectiva, creio que tal é defensável se pensarmos que cada uma das crónicas deseja ser o reflexo do quotidiano. Elas obrigam o leitor de domingo a confrontar-se com um mundo onde prevalecem a desesperança, a solidão, o consumismo, o desamor, as dificuldades de comunicação. Elas levam o reflexo do autor até ao leitor e são responsáveis pela aproximação dos seus universos pessoais— de um lado e de outro, serão evocadas memórias, afectos, reflexões que o espaço da crónica compatibiliza. Devido aos constrangimentos impostos pela existência no jornal, a crónica tem a dimensão exacta para poder ser suficientemente fluida para problematizar aspectos diversificados do quotidiano. O romance, ainda que longo, não permite uma abordagem tão sistemática ao devir diário, visto que nele há um núcleo que agrega todas as digressões passíveis e possíveis de serem feitas.

Sob a capa da simplicidade e do desejo de proporcionar um “trecho leve, simples, agradável”<sup>69</sup> aos leitores de domingo, as crónicas acabam por obrigá-los à introspecção, ao questionamento, porque os confrontam com situações de tal forma próximas e familiares que permanecem inquestionadas na maior parte dos casos. As crónicas, evocando mundos bastante próximos daqueles que encontramos nos romances, por terem uma

---

<sup>69</sup> “Última Crónica”, *LC*, p. 341

dimensão reduzida, são ideais para se apresentar ao leitor como pequenos espelhos que reflectem diferentes aspectos de um quotidiano que, por estar já demasiado próximo, exige estranhamento. O texto cronístico será, por isso, um enunciado irónico que pede ao leitor esforço de decifração e, conseqüentemente, de reflexão crítica.

Porém, para além de evocarem um universo semelhante àquele que encontramos nos romances, elas partilham com eles a existência de um EU como instância de enunciação. Esse EU, vimo-lo atrás, é o detentor daquilo a (in)screver nas páginas-espelhos e, porque o seu desejo é rever-se e fazer com que o seu leitor se reveja nessas páginas, não cessa de se metamorfosear em distintos EUS, para os quais é possível definir diferentes quadros sociais, culturais, afectivos ou actanciais.

Em termos simplistas, o enunciado irónico diz uma coisa pelo seu contrário. Se chegar junto de alguém, num dia de chuva diluviana, comentando o belo dia que faz, certamente o meu interlocutor entenderá o meu enunciado como irónico. O facto é que entre aquilo que disse, aquilo que eu penso, aquilo que o meu interlocutor ouve e aquilo que ele interpreta, se vão criando omissões ou lacunas de sentido que têm de ser preenchidas pelo valor em falta, por forma a que o enunciado seja correctamente compreendido. Quem ironiza fá-lo conscientemente, pois em si mesmas as experiências e os eventos não têm qualquer tipo de valoração. O ironizador detém o lugar de um observador privilegiado, que procede a sucessivas aproximações e recuos em relação ao que observa e que deseja codificar discursivamente. Ao codificar uma situação como irónica isso acontece porque lhe reconheceu lacunas e crê que é necessário corrigi-las. Ele é o detentor de um saber que deseja partilhar,

mas de forma não explícita, isto é, o destinatário da ironia tem de ser suficientemente competente para a reconhecer, para a decifrar e para lhe completar o sentido, por forma a corrigir-se a situação deficitária presente no enunciado irónico.

Aquela que me parece ser a estratégica irónica de base para as crónicas de António Lobo Antunes relaciona-se com a adopção— em todos os textos cronísticos— de uma primeira pessoa como instância de enunciação. Este deslizamento de EU-em-EU (ou de EU-em-TU? Ou de TU--em-EU?) pode ser submetido ao princípio do livro das páginas de espelhos, como expliquei acima. O leitor de *LC* sabe que aqueles textos tiveram uma génese particular; mas, reunidas em volume, as crónicas ganham uma unidade significativa que não poderiam possuir nas páginas da revista de domingo do PÚBLICO. Em *LC* elas como que formam uma galeria em que o cronista e o leitor entram para se buscar entre os múltiplos reflexos a que é possível aceder.

Lembremo-lo: “espelhar” e “especular” derivam do mesmo étimo, SPECULARE: por isso, as crónicas de António Lobo Antunes, pela sua concentração discursiva obrigam-nos a olhar fundo dentro daquilo que existe em nós de profundamente humano, contraditório e imperfeito e exortam-nos não só a questionar o nosso relacionamento com o momento histórico que vivemos, como também a redireccionar esse relacionamento, pela correcção das deformações exibidas pelo reflexo por elas captado.

### 3. Os espelhos mágicos

Ao afirmar que em *Livro de Crónicas* se actualiza o princípio do livro de páginas de espelhos, enunciado na crónica “O coração do coração”, tenho de estar apta a delinear quais as imagens que o autor projecta nas suas crónicas-espelhos. Considero que essas imagens podem agrupar-se em duas áreas distintas, mas que se interseccionam e se complementam: de um lado estão as projecções de cariz biográfico que de si mesmo faz o homem que pena o que escreve palavra a palavra; de outro, aquelas em que a voz biográfica se cala para dar lugar a outras vozes. Quer num caso, quer noutro, as crónicas não se limitam a ser relatos pessoais: são o reflexo do tempo e do quotidiano português na última metade do século XX.

#### 3.1. O homem por detrás do espelho

O impulso biográfico explica-se pela necessidade que o autor sente de “reflectir no papel”<sup>70</sup> aquilo que é a sua identidade:

Como as páginas são espelhos lá estaria o meu rosto de agora e todos os rostos que tive até ao rosto de agora revisitados no Álbum do Bebê que ainda conserva, mumificado como a trança de um santo, um feixezinho de cabelos da criança, hoje morta que fui, a olhar-me através dos séculos numa desconfiança acusadora, cabelos que evito tocar no receio que se desfaçam em pó à maneira das flores de laranjeira das noivas antigas e que ao desfazerem-se desapareça o que fui e as pessoas que ameí com uma paixão sem igual (...)<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> “O coração do coração”, p. 47

<sup>71</sup> Idem, p. 46

É para evitar a dissolução do que foi e daqueles que amou que se escreve. A brevidade do texto cronístico acaba por ser o melhor dos suportes à sua busca de identidade – cada crónica funcionará como uma peça de um *puzzle* em que se inscrevem as memórias pessoais do cronista, sendo imprescindível agregar os fragmentos, de forma a que a identidade daquele que escreve se revele. Fazendo emergir os diferentes estilhaços que compõem a sua identidade, António Lobo Antunes mais não faz do que sublinhar que aquilo definimos como identidade resulta da conjugação de elementos heterogéneos. Partilhando a intimidade com o leitor, o escritor aproxima-se dele, mostra as suas fragilidades, os seus afectos, os seus anseios e torna-o testemunha da sua humanidade.

É a consciência da inexorável passagem do tempo que aflige o cronista, que “continu[a] à janela à espera que os anos de outrora lhe regressem à palma da mão como boomerangs fiéis”<sup>72</sup> e que, por isso, se socorre da memória como veículo de acesso ao passado. A inquietação face a um tempo que não pode voltar para trás é pressentida de maneiras distintas: ela pode nascer do facto de “De há três ou quatro anos para cá as pessoas começa[rem] a interessar-se pela [sua] barriga”<sup>73</sup>, ou do facto de “observar no espelho matinal desabamentos, rugas imprevistas, a boca entre parêntesis cada vez mais fundos”<sup>74</sup>.

O tempo é vivido de forma dolorosa e melancólica por alguém que precisa constantemente de visitar o passado. Creio que a tónica na memória,

---

<sup>72</sup> “Dormir acompanhado”, p. 162

<sup>73</sup> “A barriga”, p. 321

<sup>74</sup> “A velhice”, p. 39



na infância e no passado não representam uma recusa em progredir; representam, isso sim, a necessidade de compreensão do presente e de perspectivação do futuro, pois só é possível um indivíduo definir-se como pessoa se se conceber em trânsito pelo tempo.

O passado não corresponde unicamente à infância, tempo em que foi “indecentemente feliz”<sup>75</sup>. Existe um passado ainda mais remoto, que a criança que o autor foi adivinha nas fotografias ou nos objectos que, por exemplo, existiam nas casas das tias do Brasil, elas mesmas relíquias de um tempo passado, e que levam a criança a suspeitar que “o mundo não começara [consigo]”<sup>76</sup>.

(...) banheiras com patas de leão ferrugentas de reumático, esquentadores pré-históricos em que o gás soluçava desgostos de bebé antigo (...). Havia um retrato delas e da minha bisavó numa cómoda, quatro criaturas pestanudas em Belém do Pará (...) <sup>77</sup>

Mas nem só o ambiente das casas das tias favorece o acesso àquilo que antecede a vida do EU e que o identifica como membro de um grupo; também os álbuns de fotografias lhe trazem o passado:

Os álbuns de fotografias sempre me pareceram cisternas onde corro o risco de me despenhar, esbracejando, afogado em limos de bandós, de suíças, dos fatos de marujo e do cabelo em canudos do meu tio, de condecorações militares, de bicicleta com a roda da frente enorme e a roda de trás pequenina, de olhos azuis à deriva num nevoeiro de rendas. <sup>78</sup>

Sendo um elo na cadeia do tempo, esta pessoa reconhece-se nas semelhanças físicas captadas nas fotografias das bisavós “que escond[iam]

---

<sup>75</sup> “Elogio do subúrbio”, p. 14

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*

<sup>77</sup> “O Brasil”, p. 305

<sup>78</sup> “As veias dos búzios”, p. 179

sob o balão da saia a criança que (...) lhes prolonga o nariz e a boca”<sup>79</sup>, nas semelhanças físicas perpetuadas por uma das filhas, “cujo sorriso se assemelha tanto ao [seu] que [se] julga há muitos anos atrás, a examinar--[se] ao espelho”<sup>80</sup>, na herança do nome do avô paterno<sup>81</sup> e da surdez do avô materno<sup>82</sup>.

O reconhecimento de que se é membro de uma estrutura familiar que vem do passado e se projecta no futuro é o primeiro passo para o delinear da identidade desta figura, que encontra na infância o tempo de maior felicidade da sua vida.

De cada visita à casa dos pais, o cronista “[sai] (...) com a infância atravessada”<sup>83</sup>, espantado com as mudanças decorrentes da passagem do tempo e incapaz de aderir ao que se modificou:

(...) Benfica mudou, a minha mãe deixou de ter 30 anos, posso fumar sem que ninguém me proíba, quando vem a travessa para a mesa nunca são fatias recheadas, não encontro os meus irmãos de pijama, com os cabelos loiros molhados do banho.<sup>84</sup>

Qualquer regresso a Benfica e à casa dos pais representa a possibilidade de regressar a uma infância vivida em extrema felicidade; porém, é o próprio cronista que reconhece a impossibilidade de retroceder até esse paraíso— irremediavelmente perdido:

---

<sup>79</sup> Idem, *ibidem*

<sup>80</sup> “A crisálida e eu”, p. 170

<sup>81</sup> Cf. “Crónica de Natal”, p. 195

<sup>82</sup> Cf. “O surdo”, p.74

<sup>83</sup> “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”, p. 233

<sup>84</sup> Idem, *ibidem*

(...) de modo que depois do jantar fico no automóvel a ver o muro, o portão com um ananás de cada lado, as janelas trancadas, a copa escura da acácia porque é noite. Se calhar é sempre noite quando a gente cresce. Fico no automóvel à espera que a minha mãe me chame e sabendo que não me chama porque julga que me fui embora. Realmente fui-me embora. Para sempre.<sup>85</sup>

Tal como os álbuns de fotografias e as visitas às casas das tias proporcionavam o acesso ao tempo em que o cronista ainda não era gente, há ainda em Benfica elementos que permitem a fusão entre o tempo de agora e o tempo da infância. A acácia, sob a qual o cronista se revê num “berço no verão de 43”<sup>86</sup>, é a árvore da vida, é o eixo que liga e funde passado e presente:

(...) Não há pavões nem cegonhas e contudo a acácia dos meus pais, teimosa, resiste. Talvez que só a acácia resista, que só ela sobeje desse tempo como o mastro, furando as ondas, de um navio submerso. A acácia basta-me. (...) E sei que junto do seu tronco, se fechar os olhos e encostar a orelha ao seu tronco, hei-de ouvir a voz da minha mãe chamar:

– Antóóóóóóóónio

e um miúdo ruço atravessará o quintal, com um saco de berlindes na algibeira, passará por mim sem me ver e sumir-se-á (...) <sup>87</sup>

Benfica, então “subúrbios de Lisboa (...) quintinhas, travessas, casas baixas (...)”<sup>88</sup>, era um espaço social dúplice, o que podemos ver simbolizado nas duas pastelarias: a Adega dos Ossos “frequentada pelo proletariado do bagaço”<sup>89</sup> e a pastelaria Paraíso de Benfica que “era frequentada a seguir à missa por senhoras de devoção inoxidável (...) como as minhas avós e as minhas tias”<sup>90</sup>.

---

<sup>85</sup> Idem, p. 234

<sup>86</sup> “As veias dos búzios”, p. 181

<sup>87</sup> “O elogio do subúrbio”, p. 15

<sup>88</sup> Idem, p. 13

<sup>89</sup> “O Paraíso”, p. 29

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*

Mas, para a criança que o cronista foi, esta diversidade social não representa qualquer tipo de ameaça; é antes uma mais-valia. Exemplo disso é a relação de amizade com Pedro (que subsiste na idade adulta até ao suicídio deste) apesar do destino diferente “consequente do facto de [Lobo Antunes] ter doze assoalhadas e [Pedro] apenas duas”<sup>91</sup>. É pelo constante contacto com aqueles que são economicamente mais desfavorecidos, que a criança começa a questionar o *status quo* e as normas sociais vigentes no período salazarista. Originário de uma família burguesa, foi porque conviveu com indivíduos mais desfavorecidos que a criança começou a consciencializar-se socialmente e a moldar as suas escolhas para a vida adulta.

Sob a capa do paternalismo e da beatice, o Estado Novo promove a ignorância e nada faz para criar melhores condições de vida às populações. Face a Salazar há, na família de Lobo Antunes, um certo orgulho de casta que determina que o Presidente do Conselho seja visto complacentemente como um outro-social:

(...) Monárquicos por tradição coabitávamos com Salazar como com um caseiro de relativa competência na prosperidade das nabiças, e o seu sotaque da Beira tranquilizava as minhas tias que o tomavam por um seminarista perpétuo (...) <sup>92</sup>

Vivendo paredes meias com a exclusão daqueles que habitam “um bairro de casas de madeira da periferia de Benfica, nas Pedralvas e junto à estrada militar”<sup>93</sup>, a criança que o autor foi assiste às manifestações de caridade levadas a cabo pelos adultos, tomando consciência de que com essas

---

<sup>91</sup> “Ontem às três da tarde”, p.23

<sup>92</sup> “Sombras de reis barbudos”, p. 97

<sup>93</sup> “Os pobrezinhos”, p. 81

atitudes não se procura alterar, mas sim manter, as condições de vida das pessoas – entendidas como animais de estimação:

No Natal e na Páscoa as tias reuniam-se em bando armadas de fatias de bolo-rei, saquinhos de amêndoas e outras delícias equivalentes e deslocavam-se piedosamente ao sítio em que os seus animais domésticos habitavam (...) a fim de distribuírem numa pompa de reis magos peúgas de lã, cuecas, sandálias que não serviam a ninguém, pagelas de Nossa Senhora de Fátima e outras maravilhas de igual calibre.<sup>94</sup>

“Os filhos dos pobres definiam-se por não irem à escola, serem magrinhos e morrerem muito”<sup>95</sup>, o que causa perplexidade à criança a quem é explicado que “esta gente é assim”<sup>96</sup> – mais do que o desfavorecimento em que as pessoas vivem, aquilo que é sublinhado é que essa situação não tem alteração possível. É como se ser pobre fosse uma condição intrínseca ao indivíduo e “mais do que um destino [fosse] uma espécie de vocação como ter jeito para jogar bridge ou tocar piano”<sup>97</sup>, actividades próprias dos favorecidos.

A Igreja era cúmplice desta estrutura social que, em vez de combater a exclusão, a promovia. “Deus amava os pobres”<sup>98</sup> e, por isso, a criança, que imaginava o Céu “cheio de caramelos e automóveis de pedais”<sup>99</sup>, invejava-os pelas guloseimas e divertimentos que os esperavam, enquanto ela “penava num espeto que sujeitos de pé de cabra faziam girar”<sup>100</sup>. Mas, se depois da morte, o Paraíso esperava os pobres, o que é certo é que isso “não impedia

---

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*

<sup>95</sup> Idem, *ibidem*

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*

<sup>98</sup> “A existência de Deus”, p. 85

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*

<sup>100</sup> Idem, *ibidem*

que em vida [Deus] não lhes ligasse grandemente”<sup>101</sup>. Exemplo disso é a segregação que ocorre nas missas:

(...) nunca compreendi muito bem esta segregação social que o chefe da repartição de Deus, o prior, aumentava ao promover aos domingos uma missa às sete da manhã para as criadas e outra ao meio-dia para os patrões.<sup>102</sup>

A simpatia pelos “pobrezinhos” é crescente, sobretudo porque há nessas pessoas um outro entendimento do mundo que seduz a criança. A Quaresma, que é escrupulosamente cumprida pela família, é entendida pelo cronista-criança como um período de tédio e aborrecimento, tutelado pela Virgem Maria e por Salazar. O incumprimento das normas é visto com admiração pela criança, que pressente aí um comportamento salutar:

(...) Se eu por exemplo me atrevesse, na Quaresma, a fazer um puzzle na mesa da sala de jantar ofendia simultaneamente a Virgem Maria e o Presidente do Conselho que me apresentavam sempre como amigos íntimos entreajudando-se um ao outro para me tornarem obediente e casto (...)

Foi mais ou menos por essa altura, aliás, que comecei a invejar o jardineiro, criatura borrifando-se na Mocidade Portuguesa e na Quaresma, a cantarolar enquanto regava as flores, a comer com descaro sanduíches de paio à sexta-feira e, alheio às mortificações da carne, a namorar (...) Durante a palidez geral da semana santa as suas boas cores triunfavam (...)<sup>103</sup>

O contacto com pessoas que tinham valores distintos daqueles que vigoravam no seu universo familiar, possibilitado pelo ambiente socialmente diversificado de Benfica, determinou as opções sociais e políticas do cronista-adulto, que, tendo aderido aos valores do socialismo é, no entanto incapaz de recusar liminarmente os valores conservadores, que presidiram à sua infância. A passagem seguinte mostra a dupla filiação social de Lobo Antunes, dividido

---

<sup>101</sup> Idem, *ibidem*

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*

<sup>103</sup> “Crónica da Quaresma”, pp. 294-295

entre o universo dos “bambis cromados” e das loiças Companhia das Índias, suspeitando que a felicidade consiste, de facto, na indecisão face a uma ou a outra opção.

Talvez a minha família achasse que eu me sentiria bem no meio de naperons, fotografias de bombeiros e bambis cromados, e que gostaria de ter o nome de Edgar. Não é inteiramente verdade mas as terrinas da Companhia das Índias nunca me disseram grande coisa e as meninas com quem me obrigavam a brincar transformaram-se numas chatas pavorosas. E assim hoje, entre o Céu e o Inferno, hesito na escolha. Começo a suspeitar que a solução é não cair na asneira de morrer.<sup>104</sup>

É nos seguintes termos que Lobo Antunes justifica a sua opção pela escrita:

Julgo que me tornei escritor porque em criança o meu pai me curava gripes com sonetos em lugar de aspirinas<sup>105</sup>

A família é pois responsável pela formação cultural do jovem, possibilitando-lhe o acesso a bens culturais como livros ou idas a museus, como aquelas que ocorreram durante a viagem a Pádua, quando foi fazer a Primeira Comunhão<sup>106</sup>. A decisão de se tornar escritor foi tomada “por volta dos oito anos de idade”<sup>107</sup>, quando “escrevia versos nos intervalos do hóquei”<sup>108</sup>, mas a carreira de escritor iniciou-se “aos 13 anos devido a dolorosas necessidades materiais”<sup>109</sup>, que o levaram a compor os “Sonetos a Cristo

---

<sup>104</sup> “A existência de Deus”, p.88

<sup>105</sup> “Isto”, P 145, 28/02/99

<sup>106</sup> Cf. “Crónica de Natal”, p. 195

<sup>107</sup> “Retrato do artista quando jovem”, p. 203

<sup>108</sup> “Elogio do Subúrbio”, p. 14

<sup>109</sup> “Os sonetos a Cristo”, p. 41

elaborados à média de um por semana”<sup>110</sup>, com que conquistava as boas graças da avó, que depois de ouvir a declamação do poema, temendo

(...) que o neto prepara[sse] uma carreira de arcebispo, abria o cofre (...) e premiava-[lhe] a devoção com o equivalente a uma lateral no Estádio da Luz e um bagaço clandestino na Adega dos Ossos bebido virilmente entre engasgos e espirros.<sup>111</sup>

Para o jovem António Lobo Antunes, ser escritor equivalia a ser um herói, pois “imaginava que todos os escritores sem excepção se pareciam com Sandokan soberano da Malásia”<sup>112</sup> e o seu desejo era fundir-se nessa imagem idealizada. À medida que cresce, o jovem vai contactando com autores reais; mas, ainda assim, aquilo que sente é marcado pela idealização— o autor era sempre uma figura distante, divina, etérea. Os esforços que são feitos para se (con)fundir com as figuras de José Blanc de Portugal, Vergílio Ferreira ou Byron causam consternação na família:

– O menino é parvo ou faz-se?  
eu respondi com firmeza  
– Os escritores são assim  
mandaram-me ter juízo (...) <sup>113</sup>

Mas, o destino como escritor havia de se cumprir:

Soube que era um génio quando comecei a encontrar o romance nas montras das livrarias; quando o retrato principiou a aparecer nos jornais; quando dei a primeira entrevista à televisão (...).<sup>114</sup>

Porém, Lobo Antunes apressa-se a desconstruir a ideia de ser uma figura de excepção, ao submeter-se à sua própria auto-ironia. Aquele que

---

<sup>110</sup> Idem, *ibidem*

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*

<sup>112</sup> “Retrato do artista quando jovem”, p. 203

<sup>113</sup> Idem, pp. 204-205

<sup>114</sup> “O grande homem”, p. 141



estava “Convicto da [sua] fama e da admiração dos contemporâneos”<sup>115</sup> dá-se conta de que o facto de lhe ter sido franqueada a entrada no circuito literário não corresponde directamente ao reconhecimento do público. Na Praia das Mações, lugar onde eram passadas as férias de infância, é a recepção no restaurante do Augusto que faz com que de imediato o “génio” desça à sua condição humana, por lhe lembrar quer a infância, quer a sua própria fisicalidade, contrariando a ideia do autor como figura etérea, divina, acima da condição humana.

— Olha o Antoninho! Dei tanto pontapé no cu daquele gajo!<sup>116</sup>

Por ocasião da Feira do Livro, propicia-se a humanização do escritor pelo contacto directo com o público. António Lobo Antunes distribui autógrafos aos compradores de livros, “um pouco com a sensação de vender bijuterias marroquinas nos túneis do metropolitano do Marquês ou fatos de treino fosforescentes na Feira do Relógio”<sup>117</sup>. A comparação dos livros com bens populares e de grande consumo mostra como o circuito comercial aniquila, em parte, a individualidade de qualquer obra de arte; por isso o suspiro do autor, que desejaria que os seus livros fossem entendidos como peças de alta-costura:

(Deus sabe o que me apetece às vezes assinar Hermès ou Valentino)<sup>118</sup>

Reconhecendo que muitos daqueles que compram os livros não os vão efectivamente ler, o autor sabe que existem os leitores fiéis para os quais vale

---

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*

<sup>116</sup> Idem, *ibidem*

<sup>117</sup> “A feira do livro”, p. 35

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*

a pena escrever, legitimando a sua actividade literária e justificando a ida à Feira:

(...) gosto das pessoas, gosto que me leiam, gosto sobretudo de conhecer as pessoas que me lêem e me ajudam a sentir que não lanço ao acaso do mar garrafas com mensagens corsárias que não se sabe onde vão ter, e gosto dos romances que escrevi.<sup>119</sup>

A participação na Feira do Livro marca o encontro do escritor com o seu público e põe Lobo Antunes no centro do fenómeno literário, ainda que ele se apresente frequentemente como um rebelde face à instituição literária, que lhe merecerá uma crítica feroz na crónica “Onde o artista se despede do respeitável público”:

O problema de certa crítica portuguesa em relação a mim

(para além da estupidez, da ignorância e da desonestidade que são as formas mais doentias de má-fé)

nasce da incompreensão fundamental de que as gerações (...), acabam por se reconhecer, paradoxalmente, através dos seres em ruptura que exprimiram a sua época opondo-se a ela (...)

o que os intelectuais, conservadores por definição e natureza demoram tempo a entender (...) <sup>120</sup>

O alvo da censura é uma “certa crítica” literária portuguesa que é dominada por uma incompreensão endêmica, motivada quer pelo seu conservadorismo, quer pela relação que existe entre ela e alguns escritores: é que essa crítica, ao invés de julgar, tutela; por isso, gora-se tudo o que nela poderia existir de positivo e de potenciador dos sentidos.

---

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*

<sup>120</sup> “Onde o artista se despede do respeitável público”, p. 131

O escritor que aqui se define está já distante daquele que humanamente contacta com os leitores no ambiente promíscuo da Feira do Livro. Este autor define-se como um ser em ruptura; a sua vocação é divina, pois ele é a “sarça ardente”<sup>121</sup>, o poeta-criador que “não [faz] literatura, [faz] mitologia”<sup>122</sup>. Aquilo que Lobo Antunes deseja como escritor é tocar no mais íntimo e secreto do imaginário, de maneira a que o escrito adquira a perfeição do mito<sup>123</sup>— uma forma que afinal nega a cristalização e a atemporalidade, porque configurando questões de validade universal que poderão ser constantemente reinterpretadas.

O desagrado em relação aos literatos, a “vocação de sarça ardente”, a negação da genialidade, são as faces de um escritor que deseja mostrar-se livre das influências e das honrarias literárias, que nega a imagem estereotipada do escritor, almejada na juventude:

(...) não uso óculos nem barba, não janto nos restaurantes de génios do Bairro Alto, não cheiro mal da boca, não bebo álcool e estou-me completamente nas tintas para os êxitos ou fracassos dos outros que não me alegram nem me entristecem peva excepto no que diz respeito aos dois ou três amigos que admiro. Felizmente que é assim para não correr o risco de uma voz interior me perguntar indignada e sardônica

– O menino é parvo ou faz-se?

se eu resolvesse armar em intelectual português como outrora tentava armar em Sandokan a pintar a franja com graxa de sapatos<sup>124</sup>

Algumas crónicas farão ainda eco da admiração sentida em relação a escritores que ou influenciaram o seu trabalho literário ou que, sendo seus

---

<sup>121</sup> Idem, *ibidem*

<sup>122</sup> Idem, *ibidem*

<sup>123</sup> Entendo “mito” como “mythos, plot, narrative, or in general the sequential ordering of words” (Northrop Frye, *The Great Code*, p. 31).

<sup>124</sup> “Retrato do artista quando jovem”, p. 206

contemporâneos e portugueses, são merecedores da sua atenção<sup>125</sup>. Em *Livro de Crónicas* ainda que haja muitas referências dispersas a escritores, é o texto “Alguma vez te menti?” que melhor exemplifica a admiração que se sente por um autor, neste caso Manuel da Fonseca, figura injustiçada por não ter

(...) o reconhecimento que neste país de oportunidades e de modas ofereciam a outros que não tinham o talento de começar uma história com a frase soberba Antigamente o largo era o centro do mundo oito palavras sábias e mágicas que valem centenas de páginas que para aí se publicam.<sup>126</sup>

Lobo Antunes veste a pele de crítico literário, em textos que *LC* não reúne, mas que resultaram da colaboração com PÚBLICO; detiveram a sua atenção Mário Cláudio e a sua *Tocata Para Dois Clarins*<sup>127</sup>, assunto da primeira crónica para o suplemento de domingo do diário e António Franco Alexandre, considerado um “escritor de categoria pela segurança da mão, o rigor, a firmeza da frase, a economia afectiva, o ondular da música”<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> Logo que começou a sua, nessa altura, pontual carreira cronística, Lobo Antunes dedicou algumas crónicas aos escritores que lhe pareceram ser merecedores de atenção: Dinis Machado foi o assunto de “O sétimo irmão” (*O Jornal*, nº 482, 27/07/84); Lídia Jorge de “Lili” (*O Jornal*, nº 502, 4/10/84); José Cardoso Pires é o protagonista de “Louvor da noite e da amizade de José Cardoso Pires” (*O Jornal Ilustrado*, nº 582, 18/04/86) de Pedro Tamen e da sua *Tábua de Matérias* ocupou-se “Um país chamado Pedro Tamen” (*Grande Reportagem*, nº 8, Nov. de 1991).

<sup>126</sup> “Alguma vez te menti?”, p. 75

<sup>127</sup> *PM*, 148

<sup>128</sup> Cf. “Conselho de Amigo”

### 3.2. O nosso rosto no espelho

Para além de ir compondo através de pequenos mosaicos-crónica um painel que permite constituir a sua imagem global como Homem, António Lobo Antunes procura nas crónicas não auto-biográficas (aquelas em que dará voz a outras figuras) confrontar-nos, enquanto leitores e enquanto membros de uma comunidade, com a imagem do que somos.

Tematizando o quotidiano, os factos anónimos e sem história, ao invés de se debruçarem sobre os grandes acontecimentos históricos que marcaram a vida da comunidade, estas crónicas acabam por funcionar como o espelho íntimo da sociedade e da mentalidade portuguesa no final do século XX. Muito do que encontramos aí é já preocupação dos textos que entendi como biográficos: a passagem do tempo, a nostalgia da infância, o espaço suburbano, a perda dos entes queridos (motivada pela morte ou pelo afastamento) são faces que também aqui se mostram. Não é de estranhar: afinal não nos esqueçamos de que todos os textos foram escritos pelo “homem atrás do espelho”, que é a entidade responsável pela escolha dos objectos a reflectir.

Trazendo para estes textos o quotidiano, Lobo Antunes aproveita e subverte a ideia enunciada em “Assobiar no escuro” de que “toda a epopeia tem um colorido doméstico”<sup>129</sup>. Trazer o quotidiano e a domesticidade para o espaço da crónica e do jornal equivale à operação inversa: ao invés de se reduzir a epopeia a um episódio doméstico (o que se poderá conseguir se se

---

<sup>129</sup> “Assobiar no escuro”, *P* 143

resumir, como sugere o cronista, a *Odísseia* à frase “–Tenho a minha mulher à espera”<sup>130</sup>) eleva-se o incidente doméstico a um caso paradigmático. Nesta medida, as palavras do autor em “Onde o artista se despede do respeitável público” ganham um novo sentido. Fazendo mitologia e não literatura, aquilo que cada um dos espelhos-crónica nos oferece é a possibilidade de ser lido como uma estrutura que, apesar da sua extrema brevidade, tem a possibilidade de projectar questões de validade universal.

Eduardo Lourenço considera o conjunto da obra de Lobo Antunes “um exorcismo de um mundo que não pode, nem quer ser exorcizado”<sup>131</sup>. Uma vez que penso que a produção cronística tem de ser lida em conjunto com a restante obra do autor, é natural que o esforço de exorcização seja também nela levado a cabo. O país que as crónicas vão delineando rendeu-se aos valores materiais, imaginando que eles garantiriam a felicidade; instalou-se na periferia de Lisboa, que deixou de ser o subúrbio delimitado pela “drogaria do senhor Jardim, a mercearia do Careca, a pastelaria do senhor Madureira e a capelista Havaneza do senhor Silvino”<sup>132</sup>, prolongamento epifânico do campo na cidade, como era essa Benfica de outrora, para ser prédios, degradação e gente anónima (que, como nós, se chamará Filomena, Fernanda, Antunes ou Edgar), levando uma existência de solidão e, não raras vezes, de alienação de que se tenta escapar pela palavra.

É a existência destes seres-em-despersonalização– dos quais estamos muito próximos– que é preciso exorcizar. A crónica é um espelho que

---

<sup>130</sup> Idem

<sup>131</sup> LOURENÇO, Eduardo, “O imaginário português neste fim de século”, *JL*, nº 763, 29/12/99

<sup>132</sup> “O elogio do subúrbio”, p. 13

apresenta ao leitor uma imagem deformada— porque ficcionalizada— da realidade, e o exorta a detectar e a corrigir— a exorcizar— aquilo que o escrito diagnostica como deficiência na origem.

A configuração do subúrbio faz-se quer pelas referências geográficas a lugares concretos que ficam na cintura urbana de Lisboa— Almada, Alverca, Prior Velho, Cacém,...— quer pela criação de retratos das figuras que habitam esse espaço, seja pela indumentária, seja pelo modo como falam, seja pelos comportamentos adoptados. Uma passagem que me parece funcionar como exemplo-síntese do que acabo de afirmar é a que abre a crónica “Os meus domingos”:

Aos domingos a seguir ao almoço visto o fato de treino roxo e verde e os sapatos de ténis azuis, a Fernanda veste o fato de treino roxo e verde e os sapatos de salto alto do casamento, subo o fecho éclair até ao pescoço e ponho o fio de ouro com a medalha por fora, a Fernanda sobe o fecho éclair até ao pescoço e põe os dois fios de ouro com a medalha e o colar da madrinha por fora, tiramos o Roberto Carlos do berço, metemos-lhe o laço de cetim branco na cabeça, saímos de Alverca, apanhamos os meus sogros em Santa Iria de Azóia e passamos o domingo no Centro Comercial.<sup>133</sup>

Evidentemente aquilo com que somos confrontados nesta passagem tem o traço grosso da caricatura, essa forma máxima de distanciamento irónico, que nos obriga a ver que a suburbanidade não resulta do facto de se viver em Alverca ou em Santa Iria, mas da forma grotesca que o EU e a esposa escolhem para se apresentar (a desconstracção do fato de treino, contrastando com a ostentação dos fios de ouro), do nome que o filho tem (decalcado do nome de um cantor popular brasileiro), das semelhanças de comportamento indiciadas logo pelo título, e que vão sendo sistematicamente retomadas ao

---

<sup>133</sup> “Os meus domingos”, p. 59

longo do texto, empenhado em mostrar ao leitor seres que se tornaram indistintos tal é o nível de uniformização de comportamentos a que estão sujeitos. A seguinte passagem, onde assumem particular importância as repetições de “todos” e de “a mesma” ou “o mesmo”, enfatiza essa indistinguibilidade dos indivíduos que passam sistematicamente o domingo no centro comercial:

(...) todos os automóveis do parque são Seat Ibiza, todos têm mantas alentejanas nos bancos, todos apresentam um autocolante no vidro que diz Não Me Siga Que Eu Ando Perdido, todos possuem uma rodela Vida Curta na [sic] guarda-lamas direito e uma rodela Vida Longa no guarda-lamas esquerdo, de todos os espelhos retrovisores se pendura o mesmo boneco de peluche, todos exibem junto à matrícula com o círculo de estrelinhas de Europa a mesma rapariga de Stetson e cabelo comprido, todos trouxeram o Record, os sogros e o filho, todos devem habitar Alverca e todos circulam a tarde inteira no Centro, de forma idêntica à nossa (...) <sup>134</sup>

Tudo parece sujeito aos imperativos da standardização, que despersonaliza os indivíduos, coisificando-os, transformando-os em invólucros em tudo idênticos, reduzindo-os a uma massa anónima, em que a distinção é improvável. É essa indistinção entre os seres, proporcionada por uma sociedade e por um momento histórico que fazem tábua rasa do ser humano, que justifica o comportamento aberrante do EU de “Os meus domingos”, que confunde e troca a esposa, a sogra e o filho “por outra sogra acrílica, outra mulher roxa e verde e outra criança de laço (...) sem dar pela diferença (...)” <sup>135</sup>, acabando por se desfazer o equívoco quando se verifica que “a [sua] Última Ceia é de estanho e a dela [da esposa trazida por engano] de bronze” <sup>136</sup>

---

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*; sublinhados meus.

<sup>135</sup> Idem, p. 60

<sup>136</sup> Idem, *ibidem*



Os objectos que povoam o mundo suburbano são de extrema importância, pois demonstram como a ideia de aquisição de mais e mais bens testemunha a progressão económica e o bem estar social e afectivo. Da mesma forma que se planeiam as “prestações de um microondas e de um frigorífico novo”<sup>137</sup>, também Bé e a prima sonham com o blazer Escada que observam na montra da Loja das Meias<sup>138</sup>, Filomena, esposa de Alfredo, deseja comprar um microondas com o subsídio de Natal<sup>139</sup> e Antunes pensa que ter o empréstimo da casa pago, a marquise fechada, o soalho substituído e as prestações do carro no fim são a prova de que é feliz<sup>140</sup>.

No fundo, o que todas estas figuras procuram é a felicidade, que se tornou cada vez mais inacessível por não ser comprável. O subúrbio, a vida no prédio, a massificação dos comportamentos despersonalizaram de tal modo os seres, que é impossível reconhecer-lhes características individualizadoras. Todos pertencem à mesma desirmandade. Reduzido ao prédio, à cintura urbana, aos centros comerciais, a um emprego de repartição, às tarefas repetidas, a pessoa deixou de ser participante naquilo que a tornava humana, pois tudo concorre para a sua desumanização pela solidão.

Mal chega a época natalícia, o tenente-coronel tentar proteger-se das mensagens que fazem eco do Natal como tempo de harmonia, felicidade e convívio familiar, que só lhe agudizam a solidão:

---

<sup>137</sup> Idem, *ibidem*

<sup>138</sup> “A solidão das mulheres divorciadas”, p. 127

<sup>139</sup> “Teoria e prática dos domingos”, p. 120

<sup>140</sup> “A propósito de ti”, p. 153

(...) a verdade é que não gosto do Natal, detesto o Natal, detesto as ruas iluminadas, as lâmpadas das árvores, a agitação das lojas, os embrulhos, os laçarotes, as fitas, o espumante, detesto bolo-rei, sobretudo bolo-rei comido sozinho, numa sala sem pinheiro nem qualquer mão por baixo para aparar as migalhas (...)<sup>141</sup>

A solidão que o tenente-coronel sente poderia ser minorada se acedesse ao convite que lhe é formulado pelo “engenheiro do terceiro esquerdo”<sup>142</sup>, mas ficando a imaginar como seria o serão em casa do vizinho, na companhia deste, da esposa e da cunhada, com quem sonha um hipotético romance que (jamais) se concretizará, deixa fugir essa hipótese de convívio e condena-se ao estatuto de alienado, por não ser capaz de aderir a uma sugestão simples e que seria a sua redenção. Tal como o tenente coronel, também ao senhor Adérito, o Natal agudiza a sensação de solidão:

Dantes o Natal era levarem-me ao circo. Mais tarde era eu levar outras pessoas ao circo. Agora que já não há ninguém que me leve ou para eu levar ao circo, o Natal são as boas festas das gerências nos vidros das montras e as iluminações da Câmara penduradas das árvores (...)<sup>143</sup>

De maneira a obviar à sua solidão, o senhor Adérito pensa convidar a sua senhoria, a dona Berta, para ir ao circo. Mas, como é mais fácil calar do que dizer, a solidão manter-se-á como aquilo que tem de se superar, resultando, neste caso, da incomunicabilidade em que existem os indivíduos.

(...) Talvez a Dona Berta, apesar da idade, não seja muito diferente de mim. Talvez em pequena a levassem ao circo, talvez mais tarde levasse a filha ao circo. Talvez de tempos a tempos, se sinta sozinha como eu.

(...) Não me atrevi a dizer-lhe. Não me atrevi a falar do circo, e ao fim de um bocado à espera ela acabou por perguntar, de sobranceira espetada

– Queria alguma coisa, senhor Adérito?

---

<sup>141</sup> “O tenente-coronel e o Natal”, p. 201

<sup>142</sup> Idem, p. 199

<sup>143</sup> “Ma petite existence”, p. 61

e eu respondi, aflitíssimo, a atropelar as palavras

– Tem um restinho de sabonete que me empreste Dona Berta? (...) <sup>144</sup>

Incapaz de confessar a sua sede por uma companhia, neste tempo de comunhão com o outro que é o Natal, o destino de Adérito é em tudo semelhante ao do tenente-coronel– a solidão que não se ultrapassa por medo de ir ao encontro do Outro.

A maior parte dos EUS a que Lobo Antunes dá voz nas crónicas não tem a consciência ou desconhecem a via a seguir de forma a anular o peso da solidão que os condena, quase sempre, a um estado de alienação de que não consegue sair. A necessidade de encontrar uma voz é o primeiro passo para o esforço desalienante. É porque falo que torno a minha voz audível e vou ao encontro do Outro, ansiando pela libertação daquilo que me tolhe.

Ao fazer representar nas suas crónicas indivíduos que não estarão dotados de voz– são figuras anónimas– Lobo Antunes está já a abrir a possibilidade de salvar desse estatuto as personagens. Mas vai ainda mais longe, na medida que muitas crónicas terão internamente um Outro a quem se dirigem, numa formulação dialogal.

Em “Uma carta para Campo de Ourique” encena-se um problema de comunicação, que não sabemos até que ponto será resolvido. Ainda que formalmente esta carta pouco tenha daquilo que consideramos formalmente como exemplo do género epistolar, a escolha deste género, assumido pelo título, não deixa de ser interessante e pertinente, especialmente se nos lembrarmos de que a carta liga intimamente dois seres separados. Porque já

---

<sup>144</sup> Idem, p. 62

“[não se vêem] há tanto tempo, [deixaram] de falar há tanto tempo”<sup>145</sup>, a carta impõe-se como meio de comunicação entre dois seres distanciados: aquele que escreve e que se exprime na primeira pessoa verbal e aquela a quem se dirige a missiva, nomeada logo na abertura do texto e que mais não é do que uma ausência entre outras tantas ausências, resultantes da inexorável passagem do tempo. Ana é o objecto mais precioso do tempo da juventude e o único que é ainda possível recuperar (dado que tudo o mais se alterou) e que, fundindo o tempo do passado e do presente, permite que o EU se furte ao estatuto de alienação que o condena a procurar refúgio nas memórias—simbolizadas pelos regressos sistemáticos ao lugar, em Campo de Ourique, onde se erguia a casa familiar e que deu lugar a um minimercado— e encontre, finalmente, no presente condições para a sua progressão. Mas não sabemos até que ponto se poderá cumprir esse desejo, uma vez que a carta é um projecto e a hipótese de chegar ao destinatário fica em aberto:

(...) e regressarei ao apartamento em que moro a fim de terminar esta carta, a colocar no envelope, e permanecer a olhar a parede fronteira séculos a fio, como sem que você se desse conta olhava o seu perfil ao meu lado na tarde em que fomos ao teatro e quis dizer que gostava de si e nunca fui capaz.<sup>146</sup>

O desencontro amoroso, potenciador da solidão e da alienação, tal como aquele que é aqui sugerido, será amplamente glosado pelas crónicas. Em “Edgar, meu amor”, Deolinda dirige-se na primeira pessoa a Edgar logo na frase de abertura do texto:

---

<sup>145</sup> “Uma carta para Campo de Ourique”, p. 77

<sup>146</sup> Idem, p. 79

Por favor Edgar não me deixes assim, o que se passa entre nós, porque não telefonaste?<sup>147</sup>

O texto está repleto de interpelações a um TU ausente, com quem se manteve um relacionamento amoroso, enunciado logo no título. O imperativo comunicacional decorre de o facto de Edgar, depois de não ter conseguido consumir o acto sexual, ter abandonado Deolinda, contrariando o impulso que ela sente de permanecer ao lado dele, ainda que ele “[ficasse] cansado para sempre”<sup>148</sup>. Embora Deolinda tente fazer ouvir a sua voz, ela e Edgar partilharão o estatuto de alienado— ela porque quer fazer ouvir a sua voz e não tem quem a oiça; ele porque se recusou a ouvir e a superar a situação que, subitamente, os afastou:

e nem sequer te voltaste, nem sequer adeus, nem sequer um sorriso, nem sequer um telefonema, queria dizer-te Não te apoquentes, queria dizer-te Não tem importância, gosto de ti à mesma, hoje tentamos mais uma vez, eu não conto a ninguém Edgar, juro que não conto a ninguém, não vão trocar-te no emprego, não vão trocar-te no café, podíamos morar os dois no Laranjeiro ainda que ficasses cansado para sempre, eu não me importo (...) <sup>149</sup>

Exemplo paradigmático do desencontro amoroso é aquele que encontramos no texto “A propósito de ti”, que se inicia com a afirmação taxativa de que “Somos felizes”, que irá sendo desconstruída ao longo da crónica:

Somos felizes. Acabámos de pagar a casa em outubro, fechamos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando (...) <sup>150</sup>

---

<sup>147</sup> “Edgar, meu amor”, p. 111

<sup>148</sup> Idem, p. 113

<sup>149</sup> Idem, p.113

<sup>150</sup> “A propósito de ti”, p. 153

As condições para a felicidade passam pelo bem-estar económico e pelas afinidades de gosto, pelo cumprimento de ritos como a ida a casa dos sogros ao domingo, que criam um cenário de harmonia, repentinamente quebrado, sem que o EU reconheça (ou queira reconhecer) a estranheza do acto praticado pela esposa. Como a felicidade era entendida como dependendo da satisfação de condições materiais e estas estavam asseguradas, nada fazia prever a fuga da esposa, a tal ponto que o EU nega essa evidência pela sistemática repetição do “Somos felizes”:

(...) Porque tenho a certeza de que não te foste embora visto sermos felizes. Tão felizes que um dia destes vou comprar um microondas para, se chegares a casa, teres comida quente à tua espera”.<sup>151</sup>

Mas o mundo que o EU via como cheio de certezas dissolveu-se; quem fala poderá enganar-se quanto quiser, mas a sua consciência obriga-o a reconhecer que houve uma fuga real e que o regresso da esposa é apenas hipotético: “se [chegar] a casa” esta mulher terá à sua espera uma nova promessa de felicidade— um microondas para aquecer a comida, visto que não há electrodoméstico que aqueça o amor.

A lição a tirar é a de que a felicidade não depende da pseudo--satisfação de condições materiais, mas do empenhamento pessoal e íntimo, como aquele que testemunhamos na crónica “Qualquer luz é melhor que a noite escura”. Ainda que EU que aí se exprime se sinta em estado de alienação, observando na cozinha os electrodomésticos que “parecem tornar-se mais úteis no escuro”<sup>152</sup> e que o fascinam ao ponto de desejar ligar um deles como forma de

---

<sup>151</sup> Idem, p. 154

<sup>152</sup> “Qualquer luz é melhor que a noite escura”, p. 337

entretenimento. Mas, só o facto de esta figura se questionar a livra do estigma da alienação:

Por que motivo continuo aqui? Há o meu filho, há a minha mulher. Será isso? Perguntas e perguntas sem qualquer resposta. A minha cabeça anda cheia de perguntas. Não dúvidas. Não inquietações. Perguntas. A minha mãe costumava dizer-me Quando fores velho hás-de compreender. Não devo ter envelhecido seja o que for dado que não compreendo nada.<sup>153</sup>

Creio que é porque se interroga, que é porque faz um esforço de compreensão relativamente às circunstâncias que o envolvem que é possível a este EU desalienar-se. Não é por acaso que a expressão que dá título à crónica se vai repetindo, à laia de um refrão, por todo o texto— é a réstia de esperança por que se deve batalhar. Daí que aquilo que noutros textos surge como símbolo de alienação aqui tenha o estatuto inverso: os objectos deixam de denotar a vacuidade para passarem a ser “coisas reais. Agradáveis. Verdadeiras”<sup>154</sup>, que proporcionam um bem-estar íntimo. São uma epifania da quotidianidade que urge preservar. É porque compreende o que de bom pode existir nessa vida segura que o EU conclui que

“Mesmo que apareça uma rapariga muito bonita não hei-de abandonar a minha vida.”<sup>155</sup>

Dando voz àqueles que habitualmente estão dela privados, nomeando cada um destes seres, expondo a sua solidão e as suas dores pessoais, António Lobo Antunes apresenta-nos o reflexo do nosso próprio quotidiano. É certo que algumas das crónicas nos apresentam casos bizarros— lembremo-nos da troca das esposas em “Os meus domingos”— mas isso sublinha a

---

<sup>153</sup> Idem, p. 338

<sup>154</sup> Idem, *ibidem*

<sup>155</sup> Idem, p. 339

dimensão de bizzarria que existe, actualmente, na vida do ser humano. Dando voz a tão distintos EUS, mas de problemas, afinal, tão semelhantes, António Lobo Antunes pede que nos revejamos no espelho--crónica que nos apresenta. Não é por acaso que tantas crónicas fazem referência ao domingo: o domingo que se passa no centro comercial, o domingo longo e interminável em que se cumprem uma série de ritos, o domingo em que, por fim, se lê o jornal e nos reconhecemos na imagem que cada uma das crónicas-espelho configura perante os nossos olhos e que nos exorta a uma intervenção no nosso próprio quotidiano, de forma a agir para alterar as deformações detectadas pelo reflexo. Possibilitando aos leitores o acesso a vozes em tudo idênticas às suas, Lobo Antunes pede que o seu leitor se desaliene ao mesmo que desaliena as personagens a quem empresta a voz.



## Conclusão

Literatura alimentar? Romance das páginas de espelhos?

Repudiadas por quem as escreveu, que sempre as considerou textos menores, literatura alimentar feita para proporcionar rendimento e distrair os leitores de domingo, as crónicas de Lobo Antunes foram aplaudidas pelo público e pela crítica. A sua reunião em volume fez-se uma vez para não mais se fazer, disse o autor. Fez-se de novo e *Livro de Crónicas* é a prova da intrínseca qualidade literária desses textos e de que é impossível continuar não pensá-los como mais uma das faces da escrita antuniana.

*Livro de Crónicas* não é, nem pretende ser, um romance. Os textos que aí se reúnem definem-se pela brevidade, por terem sido produzidos especificamente para a revista de domingo do jornal PÚBLICO. A sua reunião em volume salvou-os a um destino de esquecimento, mantendo-lhes a autonomia e permitindo que a eles acedamos sempre que nos aprouver.

Visto que a proposta de *LC* é lúdica, o volume poderá ser lido a partir de qualquer ponto, saltando páginas, avançando, retrocedendo, o que favorecerá a organização dos fragmentos em imagens cada vez mais complexas.

Devido à promiscuidade do género cronístico, que se define pela possibilidade de abordar distintos temas, optei nesta dissertação por focar a poética do romance das páginas de espelhos, enunciada na crónica “O coração do coração” e que adquire validade no contexto específico do volume que reúne as crónicas. Poder-se-á obstar que *LC* não é um romance; mas o meu desejo foi evidenciar como esse princípio age nas suas peculiares páginas:

crónicas onde surge a complexa figura do autor, que se vai modalizando reflexivamente: ele é autor; ele foi criança; ele amou; ele sentiu as mesmas necessidades de toda a gente— ele é Homem. Expondo a sua biografia, Lobo Antunes descontrói-se como génio da literatura, humaniza-se e vai ao encontro do seu leitor, indigitado como testemunha e confidente.

Mas a crónica é vinculação ao quotidiano: elas nascem dos imperativos financeiros que a humanidade do autor lhe impõe.

Porque deseja não só reflectir-se, mas permitir que também o seu leitor se reveja nas crónicas-espelhos, o cronista traz para o seu texto os problemas com que habitualmente nos debatemos e que, por estarem demasiado próximos, tendemos a ignorar. Confrontados com a superfície brilhante da crónica, espantamo-nos. Aquilo somos nós. Aquilo é o nosso viver entre repartições e centros comerciais, planeando prestações de carros e de casas, sonhando a felicidade que o novo electrodoméstico nos proporcionará, lamentando não haver quem nos oiça. Impondo-nos que interroguemos os limites desta vivência, a proposta de Lobo Antunes tem um alcance ético: porque nos reconhecemos no espelho que é o texto, em que alguém semelhante a nós nos fala, porque nos revemos no reflexo da nossa realidade deformada, sentimos o apelo moral de nos modificarmos e às nossas circunstâncias, salvando a humanidade que nos resta.

# **Bibliografia**

## **1. Bibliografia Activa**

### **1.1. Compilações das Crónicas**

#### **1.1.1. Obra em estudo**

*Livro de Crónicas*, 2ª edição, Lisboa, D. Quixote, 1999, 375 pp

#### **1.1.2. Outras compilações**

*Algumas Crónicas*, Lisboa, D. Quixote, 2002, 188 pp

*Crónicas*, Lisboa, D. Quixote, 1995, 158 pp

### **1.2. Crónicas**

#### **1.2.1. O JORNAL**

“O sétimo irmão”, nº 492, 27 de Julho de 1984

“Condição marinha”, nº 494, 10 de Agosto de 1984

“As férias”, nº 496, 24 de Agosto de 1984

“Carta ao amigo desconhecido”, nº 498, 7 de Setembro de 1984

“Poluição sob controlo”, nº 500, 21 de Setembro de 1984

“Lili”, nº 502, 4 de Outubro de 1984

“O banho”, nº 507, 9 de Novembro de 1984

### **1.2.2. O JORNAL ILUSTRADO**

“Louvor da noite e da amizade de José Cardoso Pires”, nº 582, 18 de Abril de 1986

“O camponês de Paris”, nº583, 24 de Abril de 1986

### **1.2.3. GRANDE REPORTAGEM**

“Em que se inicia o relato das minhas tremendas proezas”, nº 5, Ano II, 2ª série, Janeiro/ Março de 1991

“A minha filha mais velha tirou a carta”, nº 6, Ano II, 2ª série, Abril/ Junho de 1991

“Carta para a Joana”, nº 7, Ano II, 2ª série, Julho/ Setembro de 1991

“Um país chamado Pedro Tamen”, nº 8, Ano II, 2ª série, Novembro de 1991

“Saudades do Porto”, nº 10, Ano III, 2ª série, Janeiro de 1992

“Isabel Maria, a Ericeira, o mar, a morte e os meus pais”, nº 11, Ano III, 2ª série, Fevereiro de 1992

“O camponês de Paris”, nº 12, Ano III, 2ª série, Março de 1992

“Os cavalos e eu”, nº 15, Ano III, 2ª série, Julho de 1992

### **1.2.4. PÚBLICO MAGAZINE**

“Tocata para dois clarins”, nº 148, 3 de Janeiro de 1993

“Elogio do subúrbio”, nº 150, 17 de Janeiro de 1993

“O grande Barrigana”, nº 152, 31 de Janeiro de 1993

“Recordações da Casa Amarela”, nº 154, 14 de Fevereiro de 1993

“Crónica escrita em voz alta como quem passeia ao acaso”, nº 156, 28 de Fevereiro de 1993

“O surdo”, nº 158, 14 de Março de 1993

“Alguma vez te menti?”, nº 160, 4 de Abril de 1993

“A consequência dos semáforos”, nº 162, 11 de Abril de 1993

“Ontem, às três da tarde”, nº 164, 25 de Abril de 1993

“O campeão”, nº 166, 9 de Maio de 1993

“O Paraíso”, nº 168, 23 de Maio de 1993

“Uma carta para Campo de Ourique”, nº 171, 13 de Junho de 1993

“Os pobrezinhos”, nº 172, 20 de Junho de 1993

“O nadador olímpico e o amendoim”, nº 174, 4 de Julho de 1993

“A Feira do Livro”, nº 176, 18 de Julho de 1993

“A velhice”, nº 178, 1 de Agosto de 1993

“Os sonetos a Cristo”, nº 180, 15 de Agosto de 1993

“O coração do coração”, nº 182, 29 de Agosto de 1993

“As papoilas saltitantes”, nº 184, 12 de Setembro de 1993

“A minha morte”, nº 186, 26 de Setembro de 1993

“As pessoas crescidas”, nº 188, 10 de Outubro de 1993

“A existência de Deus”, nº 191, 31 de Outubro de 1993

“Carta aberta a Tarzan Taborda”, nº 192, 7 de Novembro de 1993

“Os meus domingos”, nº 194, 21 de Novembro de 1993

“A Praia das Mações”, nº 197, 12 de Dezembro de 1993

“A minha modesta existência”, nº 199, 26 de Dezembro de 1993

“Sou mais novo que o seu pai seis meses”, nº 201, 9 de Janeiro de 1994

“O grande homem”, nº 202, 16 de Janeiro de 1994

“Duas crónicas pequenas”, nº 204, 30 de Janeiro de 1994

“As noivas”, nº 205, 6 de Fevereiro de 1994

“Sandokan e a minhota”, nº 207, 20 de Fevereiro de 1994

“Chopin é um frango”, nº 210, 13 de Março de 1994

“Claro que te lembras de mim”, nº 212, 27 de Março de 1994

“Sinais interiores de riqueza”, nº 214, 10 de Abril de 1994

“A propósito de ti”, nº 216, 24 de Abril de 1994

“A pradaria das caçadas eternas”, nº 218, 8 de Maio de 1994

“Reparação e elogio de Frutuoso França”, nº 219, 15 de Maio de 1994

“Dormir acompanhados”, nº 222, 5 de Junho de 1994

“Sombras de reis barbudos”, nº 224, 19 de Junho de 1994

“Uma coisa assim”, nº 226, 3 de Julho de 1994

“Manual de instruções”, nº 228, 17 de Julho de 1994

“Crónica do pobre amante”, nº 230, 31 de Julho de 1994

“O meu velho”, nº 232, 14 de Agosto de 1994

“Edgar, meu amor”, nº 234, 28 de Agosto de 1994

“O fim do mundo”, nº 236, 11 de Setembro de 1994

“A crisálida e eu”, nº 238, 25 de Setembro de 1994

“O amor dos animais”, nº 240, 9 de Outubro de 1994

“Esta que se acina Gabriela”, nº 241, 16 de Outubro de 1994

“Teoria e prática dos domingos”, nº 244, 6 de Novembro de 1994

“O grande e horrível crime”, nº 245, 20 de Novembro de 1994

“A solidão das mulheres divorciadas”, nº 246, 20 de Novembro de 1994

“Os computadores e eu”, nº 247, 27 de Novembro de 1994

“Onde o artista se despede dos preciosos ridículos”, nº 248, 4 de Dezembro de 1994

“O grande amor da minha vida”, nº 250, 18 de Dezembro de 1994

“O tenente-coronel e o Natal”, nº 252, 8 de Janeiro de 1995

“Retrato do artista quando jovem”, nº 253, 15 de Janeiro de 1995

“As palavras cruzadas do jornal”, nº 256, 5 de Fevereiro de 1995

“Ó marreco, olha o sonoro”, nº 259, 26 de Fevereiro de 1995

“Da social-democracia como causa do divórcio”, nº 261, 12 de Março de 1995

“O Spitfire dos Olivais”, nº 264, 2 de Abril de 1995

“A véspera de eu morrer estrangulada”, nº 265, 9 de Abril de 1995

“Sem sombra de pecado”, nº 267, 23 de Abril de 1995

“As coisas da vida”, nº 269, 7 de Maio de 1995

“António João Pedro Miguel Nuno Manuel”, nº 271, 21 de Maio de 1995

“Está bem abelha”, nº 273, 4 de Junho de 1995

“O amor conjugal”, nº 275, 18 de Junho de 1995

“Velhas sombras fortuitas”, nº 277, 2 de Julho de 1995

“As veias dos búzios”, nº 279, 16 de Julho de 1995

“O último rei de Portugal”, nº 281, 30 de Julho de 1995



“Depende do azul”, nº 283, 13 de Agosto de 1995

“Saudades de Ireneia”, nº 285, 27 de Agosto de 1995

“Emília e uma noites”, nº 287, 10 de Setembro de 1995

“Quero ser filho da puta”, nº 289, 24 de Setembro de 1995

“O primeiro encontro com a minha esposa”, nº 291, 8 de Outubro de 1995

“A terceira guerra mundial”, nº 294, 29 de Outubro de 1995

“A estrutura dos flocos de neve”, nº 295, 5 de Novembro de 1995

“A noite das misses”, nº 297, 19 de Novembro de 1995

“Crónica do menino ruivo e dos cavalos de plástico”, nº 299, 3 de Dezembro de 1995

“O último truque do meu pai”, nº 300, 10 de Dezembro de 1995

“Crónica de Natal”, nº 303, 31 de Dezembro de 1995

“No fundo do sofrimento uma janela”, nº 305, 14 de Janeiro de 1996

“Da viuvez”, nº 307, 28 de Janeiro de 1996

“Volto já”, nº 309, 11 de Fevereiro de 1996

“Crónica de Carnaval”, nº 311, 25 de Fevereiro de 1996

“Crónica da Quaresma”, nº 314, 17 de Março de 1996

“Hoje apetece-me falar dos meus pais”, nº 315, 24 de Março de 1996

“As bilhas de gás e eu”, nº 317, 7 de Abril de 1996

“Crónica dedicada ao meu amigo Michel Audiard e escrita por nós dois”, nº 319, 21 de Abril de 1996

“Crónica escrita depois de ter bebido dois copos de vinho ao almoço”, nº 321, 6 de Maio de 1996

#### **1.2.5. PÚBLICA**

“Uma gota de chuva na cara”, nº 3, 9 de Junho de 1996

“Escrito a canivete”, nº 6, 30 de Junho de 1996

“A feira popular”, nº 9, 21 de Julho de 1996

“E tudo o vento levou”, nº 12, 11 de Agosto de 1996

“Big Show Sic”, nº 15, 1 de Setembro de 1996

“A barriga”, nº 18, 22 de Setembro de 1996

“Como expliquei à minha filha o sinistro caso do Dantas”, nº 21, 13 de Outubro de 1996

“O Brasil”, nº 24, 3 de Novembro de 1996

“Mais vale sair de cabeça baixa do que com os pés para a frente”, nº 27, 24 de Novembro de 1996

“Antes que anoiteça”, nº 30, 15 de Dezembro de 1996

“Descrição da infância”, nº 33, 5 de Janeiro de 1997

“Conselho de amigo”, nº 36, 26 de Janeiro de 1997

“De cavalos, reis, padres & da tia Pureza”, nº 39, 16 de Fevereiro de 1997

“A vida, mais ou menos”, nº 42, 9 de Março de 1997

“Os museus”, nº 45, 30 de Março de 1997

“Os militares”, nº 48, 20 de Abril de 1997

“Homenagem a José Ribeiro”, nº 51, 11 de Maio de 1997

“O Algarve”, nº 54, 1 de Junho de 1997

“Não morras agora que estão a olhar para nós”, nº 57, 22 de Junho de 1997

“Américo, o Homem-Bomba”, nº 60, 13 de Julho de 1997

“Falando para as rosas”, nº 63, 3 de Agosto de 1997

“Alverca, 1970”, nº 66, 24 de Agosto de 1997

“Estrada de Benfica”, nº 69, 14 de Setembro de 1997

“Acabou-se o que era Dulce”, nº 72, 5 de Outubro de 1997

“Qualquer luz é melhor que a noite escura”, nº 74, 19 de Outubro de 1997

“Última crónica”, nº 77, 9 de Novembro de 1997

“Espero por ti no meio das gaivotas”, nº 138, 10 de Janeiro de 1999

“Para José Cardoso Pires, ao ouvido”, nº 140, 24 de Janeiro de 1999

“Assobiar no escuro”, nº 143, 14 de Fevereiro de 1999

“Isto”, nº 145, 28 de Fevereiro de 1999

“António 56 ½”, nº 147, 14 de Março de 1999

“Esta noite não estou para ninguém”, nº 149, 28 de Março de 1999

“Os Lusíadas contados às crianças”, nº 151, 11 de Abril de 1999

“A compaixão do fogo”, nº 155, 9 de Maio de 1999

“Como se o orvalho te houvesse beijado”, nº 157, 23 de Maio de 1999

“Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”, nº 160, 13 de Junho de 1999

“Texto para o livro do fotógrafo Eduardo Gageiro”, nº 162, 27 de Junho de 1999

“O anoitecer nas sardinheiras”, nº 164, 11 de Julho de 1999

“Uma sensação de para quê”, nº 166, 25 de Julho de 1999

“De Deus como apreciador de Jazz”, nº 168, 8 de Agosto de 1999

“O osso dos meus ossos”, nº 170, 22 de Agosto de 1999

“Novo ensaio sobre o entendimento”, nº 172, 12 de Setembro de 1999

“Não se desce vivo de uma cruz”, nº 174, 26 de Setembro de 1999

### **1.3. Romances**

*Memória de Elefante* (1979), 17ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997

*Os Cus de Judas* (1979), 19ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997

*Conhecimento do Inferno* (1980), 12ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999

*Explicação dos Pássaros* (1981), 10ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997

*Fado Alexandrino* (1983), 9ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000

*Auto dos Danados* (1985), 16ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999

*As Naus*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988

*Tratado das Paixões da Alma* (1990), 3ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1994

*A Ordem Natural das Coisas*

*A Morte de Carlos Gardel* (1994), 3ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1994

*Manual dos Inquisidores*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996

*O Esplendor de Portugal* (1997), 2ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997

*Exortação aos Crocodilos* (1999), 2ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999

*Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000

## 2. BIBLIOGRAFIA PASSIVA

### 2.1. Artigos e Recensões

AAVV, *Inquérito sobre Delfim e Bolor*, em <http://alf.ci.uc.pt/ciberkiosk/entrevistas/inquerito.htm>

“António Lobo Antunes– após *Esplendor de Portugal* presença na Feira de Frankfurt”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 701, 27 de Agosto de 1997

“A polémica do prémio”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

ALVES, Clara Ferreira, “Fui bem comportado tempo de mais!”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano III, nº 72, 22 a 28 de Novembro de 1983

———, “Lobo Antunes e os sete pecados mortais”, *Expresso– Revista*, 23 de Novembro de 1985

BAPTISTA, Abel Barros e COELHO, Tereza, “Lobo Antunes– “Sempre me deram pancada em todos os livros””, *Público*, 20 de Novembro de 1990

BARAHONA, Margarida, “A fragmentação e o modelo perdido”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 37, 20 de Julho de 1982

BASTOS, Baptista, “António Lobo Antunes a Baptista Bastos: “Escrever não me dá prazer””, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 176, 19 de Novembro de 1985

BESSA-LUÍS, Agustina, “O incorrigível”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 438, 27 de Novembro de 1990

CARMO, Carina Infante do, “Notas nas margens de uma crónica de Saramago”, *Colóquio/ Letras*, nº 151-152, Janeiro-Junho de 1999

CARNEIRO, João Sampayo, “A literatura europeia entre o modernismo e o pós-modernismo”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 458, 16 de Abril de 1991

COELHO, Alexandra Lucas, “António Lobo Antunes depois da publicação de *Exortação aos Crocodilos*– “Agora só aprendo comigo”, *Pública*, nº 192, 30 de Janeiro de 2000

COELHO, Luís, “Da ordem natural às pequenas razões”, *Expresso– Revista*, 7 de Novembro de 1992

COELHO, Tereza, “Memórias de um escritor romântico”, *Público*, 4 de Abril de 1994

———, “Benfica, António Lobo Antunes– o fim de um ciclo”, *Ler*, nº 27, Verão de 1994

———, “*O Manual dos Inquisidores*, de António Lobo Antunes: “Ainda hoje era capaz de não publicar...””, *Público– Suplemento Leituras & Sons*, 5 de Outubro de 1996

CORREIA, Maria Helena de Paiva, “Ponto de vista: contributo para o repensar da questão”, *Revista da Faculdade de Letras*, nº 3, 5ª série, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Abril de 1985

CORREIA, Renato, “*Os Cus de Judas* editado na Alemanha”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 262, 13 de Julho de 1987

CRUZ, Liberto, “Breve nota sobre o ditador no romance português contemporâneo”, in *Le Roman Portugais Contemporain– Actes du Colloque Paris, 24-27 Octobre 1979*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 123-128

———, “António Lobo Antunes– *Auto dos Danados*”, *Colóquio/ Letras*, nº 97, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio-Junho de 1987

DACOSTA, Fernando, “António Lobo Antunes– “Muitos escritores têm-me um pó desgraçado””, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 23, 5 de Janeiro de 1982

DIAS, Ana Sousa, “Um escritor reconciliado com a vida”, *Público*, 18 de Outubro de 1992

FARIA, Duarte, “A viagem aos lugares obscuros”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 4, 14 de Abril de 1981



GERSÃO, Teolinda, “António Lobo Antunes– *Explicação dos Pássaros*”, *Colóquio Letras*, nº 72, Março de 1983, pp. 102-104

GUERREIRO, António, “Uma literatura exasperada”, *Expresso– Revista*, 5 de Novembro de 1988

———, “Crítica da faculdade de enjoar”, *Expresso– Revista*, 1 de Dezembro de 1990

GUSMÃO, Manuel, “Apoiar o consenso maioritário”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

JORGE, Carlos F., “Os discursos da paródia e do desencanto no nosso romance mais actual– a narrativa”, *Vértice*, nº 38, II Série, Maio de 1991

KALWA, Erich, “António Lobo Antunes: *As Naus*– A história entre a realidade e a ficção”, in *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Hamburgo, 6-11 de Setembro de 1993, org. e coord. Maria de Fátima Branco-Figueiredo, Porto-Lisboa-Coimbra, Difel, 1995

LEPECKI, Maria Lúcia, “O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade”, in *Le Roman Portugais Contemporain– Actes du Colloque Paris, 24-27 Octobre 1979*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 13-21

———, “Para (não) dizer o contrário”, in *Sobreimpressões– Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*, Lisboa, Caminho, 1988, pp. 189-192

———, “Os vivos velam os mortos e os mortos velam os vivos”, *Diário de Notícias*, 27 de Julho de 1988

———, “Psicopatologia, ecologia e caricatura”, *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1988

———, “A cabeça do homem e as dissociações”, *Diário de Notícias*, 7 de Agosto de 1988

———, “Da performance como retórica (e vice-versa)”, *Portuguese Literary & Cultural Studies—Lídia Jorge in Other Words*, Spring 1999, pp. 113-126

———, “Metáfora, metonímia e construção do pensamento”, in *Poiética do Mundo—Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 687-696

LETRIA, José Jorge, “António Lobo Antunes de paixão à prova”, *JL—Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 438, 27 de Novembro de 1990

LOURENÇO, Eduardo, “Literatura e Revolução”, *Colóquio/ Letras*, nº 78, Março de 1984, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

———, “Em torno do nosso imaginário”, *JL—Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 704, 8 de Outubro de 1997

———, “O imaginário português no fim-de-século”, *JL—Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 763, 29 de Dezembro de 1999

MACHADO, Dinis, “Doze notas para *Fado Alexandrino*”, *JL—Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano III, nº 72, 22 de Novembro de 1983

MACHADO, Luísa, “Se Dom João fosse vivo”, *O Independente– Suplemento Vida*3, nº 140, 11 de Janeiro de 1991

MARTINS, Luís Almeida, “António Lobo Antunes: “*As Naus* é o meu melhor livro”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 300, 5 de Abril de 1988

———, “António Lobo Antunes: “Quis escrever um livro policial””, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 538, 27 de Outubro de 1992

———, “Uma bela e alegre declaração de amor a um país”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 301, 12 de Abril de 1988

MARTINS, Manuel Frias, “A ficção da história”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 520, 23 de Junho de 1992

MATIAS, Marcelo Duarte, “As *Crónicas* de Lobo Antunes– ferocidade e ternura”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 642, 24 de Maio de 1995

MATOS, Nelson de , “Persistir no esforço de difusão da nova ficção portuguesa”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

MELO, João de, “António Lobo Antunes– *Fado Alexandrino*”, *Colóquio Letras*, nº 82, Novembro de 1984, pp104-106

MENDONÇA, Fernando, “Recensão a *Tratado das Paixões da Alma*”, *Colóquio-Letras*, nº 82, Novembro de 1984

MORÃO, Paula, “Uma aposta arriscada e em boa parte conseguida”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

———, “Contemporary Portuguese Fiction– Cases and Problems”, in *A Revisionary History of Portuguese Literature*, Miguel Tamen and Helena Buescu ed., Garland Publishing Inc, New York and London, 1999

MOUTINHO, Isabel, “A crónica segundo José Saramago”, *Colóquio/ Letras*, nº 151-152, Janeiro-Junho de 1999

MOUTINHO, Viale, “A guerra fez-me abrir os olhos para muitas coisas”, *Diário de Notícias*, 15 de Janeiro de 1984

OLIVEIRA, Isabel, “Lobo Antunes: “Soares é o único português feliz””, *O Jornal*, 22 de Abril de 1988

OSÓRIO, Luís, “António Lobo Antunes– ‘Às vezes, muitas vezes, sinto que devia aprender a não escrever, espero que isso me seja possível””, *DNA*, nº 262, 8/12/01

PACHECO, Fernando Assis, “*Fado Alexandrino* de António Lobo Antunes– E afinal Lisboa é isto”, *O Jornal*, nº 456, 18 de Novembro de 1983

———, “Lobo Antunes: “Escrever é contar uma história”, *O Jornal*, nº 581, 11 de Abril de 1986

PADRÃO, Maria da Glória, “Ninguém ou Abelaira”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

PASTOR, Alexandre, “Lobo Antunes sugerido para Nobel– Suécia: ‘Período de Ouro’ para a Literatura Portuguesa”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 489, 19 de Novembro de 1991

PEDROSA, Inês, “António Lobo Antunes: “Tornei-me mais humilde”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

———, “Ninguém em Portugal escreve como eu”, *Ler*, nº 2, Primavera de 1988

———, “O esplendor do Portugal dos pequeninos”, *Expresso– Cartaz*, 22 de Maio de 1999

PIRES, José Cardoso, “Uma pessoalíssima maneira de contar”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

———, “Saber fintar o real”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 438, 27 de Novembro de 1990

QUADROS, António, “O Portugal abjecto de António Lobo Antunes”, in *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos Cem Anos*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1989

REBELO, Luiz Francisco, “*Fado Alexandrino*– uma história, várias histórias”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 89, 26 de Março de 1984

REIS, Carlos, “Reflexão sobre o nosso tempo histórico”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

———, “*O Manual dos Inquisidores*– o romance como catarse”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 689, 12 de Março de 1997

———, “Ficção: trajectos, sentidos e discursos”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 704, 8 de Outubro de 1997

———, “Um romance repetitivo”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 705, 22 de Outubro de 1997

———, “A arte da crónica”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 742, 10 de Março de 1999

———, “Cristóvão Aguiar/ Rocha de Sousa– o diário e a crónica ou a escrita como catarse”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 755, 8 de Setembro de 1999

RIBEIRO, Cristina Almeida, “Ficção Narrativa”, *Vértice*, nº 96, II série, Julho-Agosto de 2000, pp. 81-86

RISQUES, Isabel, “António Lobo Antunes– a idade da maturação”, *O Jornal Ilustrado*, 20 de Abril de 1990

RODRIGUES, Ernesto, “Lobo Antunes cartesiano”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 439, 4 de Dezembro de 1990

RODRIGUES, Urbano Tavares, “La littérature après Avril”, *Europe*, nº 660, Avril 1984

———, “A influência francesa na ficção portuguesa contemporânea”, *Colóquio-Letras*, nº 95, Janeiro-Fevereiro de 1987

———, “A Narrativa: seus caminhos e modelos em Portugal após a Revolução de Abril”, in *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa– Classe de Letras*, Tomo XXVII; Lisboa, 1988

SALEMA, Álvaro, “Não tive relutância”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 197, 14 de Abril de 1986

SANTOS, Mário, “António Lobo Antunes: “Cada vez tenho mais medo de escrever””, *Público*, 24 de Outubro de 1993

SEIXO, Maria Alzira, “O outro lado da ficção– diário, crónica, memórias, etc. a propósito de *O Candidato de Luciféci* de João Palma-Ferreira e de *O Mapa Cor de Rosa* de Maria Velho da Costa”, *Colóquio Letras*, nº 82, Novembro de 1984, pp. 76-81

———, “O livro da criação”, *JL– Jornal de letras, Artes e Ideias*, Ano XX, 4 de Outubro de 2000, pp. 10-11

SILVA, João Botelho da, “Escrevo o que gostava de ler”, *Diário de Notícias*, 27 de Abril de 1994

SILVA, Rodrigues da, “António Lobo Antunes sobre a *Memória de Elefante*. Uma história entre o desespero de a resignação”, *Diário Popular*, 18 de Outubro de 1979

———, “António Lobo Antunes (*Memória de Elefante*) citando Blaise Cendrars. “Todos os livros do mundo não valem uma noite de amor”, *Diário Popular*, 25 de Outubro de 1979

———, “A confissão exuberante”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 613, 13 de Abril de 1994

———, “António Lobo Antunes– a constância do esforço criativo”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 677, 8 de Outubro de 1996

———, “Dia 8, há *Crónicas*, no CCB”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 692, 23 de Abril de 1997

———, “António Lobo Antunes– Mais perto de Deus”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 757, 6 de Outubro de 1999

———, “Génese de um romance”, *JL– Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XX, 4 de Outubro de 2000, pp. 8-9

———, “As várias vozes da escrita– *Manual dos Inquisidores* de António Lobo Antunes”, *Outros Erros– Ensaios de Literatura*, Porto, Asa, 2001, pp. 335-338

———, “As fragilidades do mal– *Exortação aos Crocodilos* de António Lobo Antunes”, in *Outros Erros– Ensaios de Literatura*, Porto, Asa, 2001, pp. 339-343

———, “Para uma leitura crítica da ficção em Portugal no século XX. Anos quarenta a noventa”, in *Outros Erros– Ensaios de Literatura*, Porto, Asa, 2001, pp. 21-44

SOUSA, Rui Ferreira e, “António Lobo Antunes: “*As Naus* são o meu ajuste de contas”, *O Jornal*, 15 de Abril de 1988

SPERBER, Dan e WILSON, Deirdre, “Les ironies comme mentions”, *Poétique*, nº 36, Paris, Seuil, 1978

TAMEN, Miguel, “Distinções genológicas e consequências”, *Revista da Faculdade de Letras*, nº 5, 5ª série, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Abril de 1986



VENÂNCIO, Fernando, “Medida”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 644, 21 de Junho de 1995

———, “O jovem príncipe”, *JL–Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 702, 10 de Outubro de 1997

VALE, Francisco, “Leituras em finais de 1981– *Explicação dos Pássaros no Square Tolstoï*”, *O Jornal*, 15 de Janeiro de 1982

VALENTE, Vasco Pulido, “O herói romântico dos anos 70”, *Expresso*, 11 de Agosto de 1979

VIEGAS, Francisco José, “António Lobo Antunes– Nunca li um livro meu”, *Ler* nº 37, Lisboa, Fundação Círculo de Leitores, Inverno de 1997

ZUBER, Helene, “Da guerra não se faz ficção”, *Diário de Notícias*, 12 de Outubro de 1997

## **2.2. Teses/ Publicações**

AAVV, *A Crônica– seu Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil*, São Paulo-Rio de Janeiro, UNICAMP/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, 551 pp

ANGENOT, Marc (dir), *Teoria Literária*, Lisboa, D. Quixote, 1995

BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Temas e Debates, 1997

BOOTH, Wayne C., *A Rhetoric of Irony*, The University of Chicago Press, Chicago and London, s.d.

———, *A Retórica da Ficção*, Lisboa, Arcádia, 1980

BRASIL, Maria Regina Nogueira de Lima, *Metamorfoses da Loucura. Memórias de Um Doido e Memória de Elefante: Um Diálogo*, Dissertação de Mestrado Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995

CALINESCU, Matei, *As Cinco Faces da Modernidade*, Lisboa, Vega, 1999

CARROL, Lewis, *Through the Looking Glass*, London, Penguin Books, 1994

CARVALHO, Alberto (apresentação crítica, notas e sugestões para análise literária de), *Viagens na Minha Terra de Almeida Garrett*, 4ª ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1991

CEIA, Carlos, *O que é Afinal o Pós-Modernismo?*, Lisboa, Século XXI, 1998

FOUCAULT, Michel, *O que é um Autor?*, 4ª ed, Lisboa, Vega, 2002

FRYE, Northrop, *The Great Code– The Bible And Literature*, Harvest, s.l., 1983

———, *Anatomy of Criticism*, Penguin Books, London, 1990

GATO, Margarida Isabel de Oliveira Vale de, *Discursos da Ausência em William Faulkner– Variações e Repercussões no Português António Lobo Antunes*, Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Norte-Americana

Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999

GENETTE, Gérard, *Discurso da Narrativa*, 3ª ed, Lisboa, Vega, 1995

HUTCHEON, Linda, *Uma Teoria da Paródia*; Lisboa, Edições 70, 1989

JAUSS, Hans Robert, *A Literatura Como Provocação*, Lisboa, Vega, 1993

JOLLES, André, *Formas Simples*, São Paulo, Cultrix, 1976

LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*, 4ª ed, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993

MOISÉS, Massaud, *A Criação Literária– Prosa*, 9ª ed. revista e aumentada, S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1979

MORIER, Henry, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, 3ª ed, Paris, PUF, 1981

PESCADA, Ana Mercedes, *As Representações de Portugal em António Lobo Antunes– As Naus*, Dissertação de Mestrado Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001

PROPP, Vladimir, *Morfologia do Conto*, 4ª ed, Lisboa, Vega, 2000

RITA, Annabela, *Eça de Queirós Cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-72)*, Lisboa, Cosmos, 1998

ROCHA, Clara, *Máscaras de Narciso– Estudos sobre Literatura Autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1992

SÁ, Jorge de, *A Crônica*, 4ª ed., São Paulo, Ática, 1992

SARDUY, Severo, *Barroco*, Lisboa, Vega, 1989

SEIXO, Maria Alzira, *Os Romances de António Lobo Antunes*, Lisboa, D. Quixote, 2002

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª ed, Coimbra, Almedina, 1993

TEIXEIRA, Rui de Azevedo, *A Guerra Colonial e o Romance Português— Agonia e Catarse*, Lisboa, Editorial Notícias, s.d.

VOUGA, Célia Beatriz Ferreira Pinto, *No Limiar de Uma Escrita (Sobre Memória de Elefante de António Lobo Antunes)*, Dissertação de Mestrado Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1996

WHITE, Hayden, *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, The Jonh Hopkins University Press, Baltimore and London, 1985

